



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Jailson da Silva

A FINALIDADE DO RITO NO ESPAÇO ESCOLAR:
Uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula

JOÃO PESSOA
2013

Jailson da Silva

A FINALIDADE DO RITO NO ESPAÇO ESCOLAR:

Uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências das Religiões como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora: Profª Pós Drª Eunice Simões Lins Gomes.

JOÃO PESSOA/PB

2013

S586f *Silva, Jailson da.*

A finalidade do rito no espaço escolar: uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula / Jailson da Silva.-- João Pessoa, 2013.

97f.

Orientadora: Eunice Simões Lins Gomes

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Ciências das religiões. 2. Rito - iniciação - escola. 3. Rito - valor simbólico - alunos. 4. Rito - alunos - primeiro dia de aula.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A FINALIDADE DO RITO NO ESPAÇO ESCOLAR:

Uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula

Jailson da Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes
professores:

Profª Pós Drª Eunice Simões Lins Gomes

(Orientadora – PPGCR/UFPB)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

(Membro-Externo – PPGL/CCHLA/UFPB)

Profª Drª Maria Lucia Abaurre Gnerre

(Membro-Interno – PPGCR/UFPB)

Profª Drª Fernanda Lemos

(Suplente – PPGCR/UFPB)

Aos Meus pais, rito de passagem para vida. Aos Meus irmãos, rito de iniciação nas fases da vida junto a eles. A Stephanny e Guilherme, rito religioso que torna real um acontecimento sagrado em minha vida (meus filhos).

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus todo poderoso pelo rito da vida, razão da minha existência;

A Iêda, minha esposa, pelo rito de passagem (casamento), que me completa, agradeço pelas orientações, confiança e estímulos que alimentaram minha autoconfiança, determinação e coragem em todos os momentos até esse fruto;

Aos familiares, herança de Deus em minha vida. Pelo rito do convívio, marcando profundamente minha história de vida;

A Minha Orientadora, Professora, Dr^a Eunice Simões Lins Gomes. Pelo rito de iniciação (mestre-aprendiz), que me ensinou o sentido da busca, da sensibilidade no olhar, da necessidade de buscar o meu próprio caminho, enfim, o sentido profundo da relação mestre-aprendiz;

Aos amigos da sala de aula e aos demais pelo rito de interação, quanta alegria por vocês fazerem parte da minha vida;

Aos que fazem o PPGCR Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pelo rito de ensinar, que através das aulas transmitiu o conhecimento;

A CAPES-CNPQ órgãos financiadores que me concederam enquanto aluno bolsista a realização dessa pesquisa;

A todos meus professores e alunos do curso de Mestrado em Ciências das Religiões que fazem parte desta conquista.

“O que seria de uma sociedade sem ritos, sem festas, sem rupturas da continuidade amorfa do trabalho e das rotinas diárias, sem possibilidade de se despedir dos seus mortos ou de receber a nova vida que chega”.

José Maria Mardones

RESUMO

A compreensão que se tem da importância tanto do rito como da escola para a humanidade, algo tão singular, despertou esse trabalho investigativo. Como forma de contribuir, pensando-se nestas considerações em que os ritos acompanham o homem em todas as etapas da vida e nos espaços escolares que são espaços de aprendizagem, procurou-se estruturar essa pesquisa reportando-se à finalidade do rito no espaço escolar, trazendo uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula. Neste sentido, o objetivo dessa dissertação consistiu em analisar o valor simbólico do rito de iniciação, presente no contexto da escola Luiz Vaz de Camões, no município de João Pessoa, na Paraíba. Neste caso, a pesquisa foi baseada nas observações do primeiro dia de aula dos alunos que mudam do fundamental I para o fundamental II. Buscou-se, primeiramente, destacar a importância da escola e o aprendizado adquirido nesse espaço; em seguida, ressaltou-se a importância do rito para o ser humano e, conseqüentemente, para a sociedade; e por fim, associou-se a escola e o rito, atribuindo o valor simbólico que tem o rito de iniciação para os alunos no primeiro dia de aula. Como instrumento metodológico, foi feita uma pesquisa bibliográfica, por isso, esse trabalho buscou guiar-se pelo pensamento de alguns autores que trabalham essas temáticas de rito e escola, tais como, Amando Luiz Cervo e Pedro Alcino Bervian, que mostram a importância da pesquisa bibliográfica; Aldo Natale Terrin e Maria Ângela Vilhena, falando da importância do rito; Carlos Rodrigues Bradão e Nelson Piletti, tratando sobre a educação e a escola; Claude Lévi Strauss, Bronislaw Malinowski, junto com Franz Boas, compartilhando sobre cultura; José Maria Mardones, Mircea Eliade e Ernest Cassirer, falando sobre o símbolos e simbólicos, entre outros que embasaram esta dissertação tornando-se seus referenciais teóricos.

Palavras-chave: Rito. Escola. Simbólico. Primeiro dia de aula.

ABSTRACT

The understanding of the importance of both rites and school for humanity, something so unique, sparked this investigative work. As a contribution, thinking about these considerations that rites accompany men in all stages of life and in school spaces which are places of learning, this research was structured referring to the purpose of the rite at school, bringing a symbolic approach of the first day of class. In this sense, the goal of this dissertation was to analyze the symbolic value of the initiation rite, in the context of Luiz Vaz de Camões School, in João Pessoa, Paraíba. In this case, the research was based on the observations of the first day of class of the students that change from elementary I into II. At first, it was highlighted the importance of school and learning acquired in this space, then it was stressed the importance of the rite for humans and thus to society, and eventually, school and rite were associated; assigning the symbolic value that initiation rite has for students on their first day of class. As a methodological tool, a literature search was done, so this study sought to be guided by the thought of some authors who work these issues: rite and school, such as Amado Luiz Cervo and Pedro Alcino Bervian, showing the importance of literature; Aldo Natale Terrin and Maria Ângela Vilhena, speaking of the importance of the rite; Carlos Rodrigues Brandão and Nelson Piletti, treating about education and school; Claude Lévi Strauss, Bronislaw Malinowski, along with Franz Boas, sharing about culture, José Maria Mardones, Mircea Eliade and Ernest Cassirer, talking about the symbols and symbolic ones, among others that supported this dissertation becoming their theoretical references.

Keywords: Rite. School. Symbolic. First day of school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1, na pagina 91: Escola Luiz Vaz de Camões;

Figura 2, na pagina 91: Palavra da Direção;

Figura 3, na pagina 91: Acolhida dos Professores;

Figura 4, na pagina 91: Acolhida dos Professores;

Figura 5, na pagina 91: Pais e Alunos;

Figura 6, na pagina 91: Pais e Alunos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA O SER HUMANO	15
1.1 A educação formal e não formal	15
1.2 O ambiente físico escolar	20
1.3 O conceito de escola e o seu papel social	22
1.3.1 O rito no contexto social da escola	32
2 A IMPORTÂNCIA DO RITO PARA O SER HUMANO	45
2.1 O conceito e classificação dos ritos	47
2.2 A finalidade dos ritos	53
2.3 Aspectos dos ritos	55
2.3.1 Aspectos culturais	55
2.3.2 Aspectos sociais	61
2.3.3 Aspectos religiosos	67
2.3.4 Aspectos universais	70
3 A IMPORTÂNCIA SIMBÓLICA DO RITO DE INICIAÇÃO NA ESCOLA	75
3.1 O homem como ser simbólico	75
3.2 Análise e descrição do rito de iniciação	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

O propósito dessa dissertação consistiu em abordar a finalidade do rito no espaço escolar, enfocando o valor simbólico do rito de iniciação, levando em consideração o primeiro dia de aula. Nesse espaço, coexistem diversos sujeitos, com seus costumes, suas tradições, tudo aquilo que lhes é inerente, próprio do ser, e o que é adquirido no ambiente familiar. Com base nessas considerações, construímos nossa questão-problema: Em que medida o rito de iniciação é importante no espaço escolar?

Objetivamos, primeiramente, destacar a importância da escola para o ser humano, compreendendo o ambiente escolar como espaço de troca de conhecimento e, conseqüentemente, de aprendizado; segundo, ressaltar a importância dos ritos para o ser humano; terceiro a importância simbólica do rito de iniciação na escola.

Entendemos por rito, o ato ou ação ligada à prática de comportamentos repetidos, tanto individuais como coletivos, cumprindo regras pré-estabelecidas. Segundo Benveniste, *rito* vem do latim *ritus*, que indica a ordem estabelecida e, mais atrás, liga-se ao grego *artýs*, como o significado também de “prescrição, decreto”. (BENVENISTE, 1969, *apud* TERRIN, 2004, p. 18).

Para desenvolver nossa pesquisa, recorreremos à pesquisa descritiva e bibliográfica. Construímos, sistematicamente, por meio de apontamentos e fichas, comentários, citações, resumos e observações pessoais úteis para o desenvolvimento de nosso estudo. Entendemos que “A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas” (CERVO e BERVIAN, 1996, p, 48).

Pesquisar sobre “a finalidade do rito no espaço escolar” está diretamente relacionado à minha história de vida, tanto como aluno como professor. cursando o ensino médio numa escola com forte orientação religiosa, participei de alguns eventos na capela da escola. Os ritos da liturgia que cercavam aqueles eventos, de

alguma forma, foram registrados em minha memória. Ritos inesquecíveis, tais como os cânticos na abertura e encerramento da liturgia, a leitura da Bíblia e a comunhão.

Lembro-me de que antes de iniciar as aulas, havia uma música instrumental, de caráter religioso, que indicava que deveríamos ir para a sala de aula. Antes de começar a aula, os professores faziam uma reflexão sobre temas do cotidiano, orientando-nos para agir segundo os valores morais. Particularmente, havia uma professora que apagava a luz, mandava todos os alunos baixarem a cabeça e refletirem sobre suas ações durante o dia. No segundo semestre, havia sempre os jogos interclasse, que possibilitavam estreitar nossas relações de amizade.

Entendo que esses momentos vivenciados naquela escola, de alguma maneira, levaram-me a fazer o curso de Teologia e, posteriormente, o curso de História. Tal formação marcou a minha prática docente no Ensino Religioso da Rede Municipal de João Pessoa, na Paraíba, atuando no Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e adultos – EJA. Percebi, nesta formação, o desejo de continuar estudando, direcionando meus estudos para a história das religiões, a fenomenologia da religião, a sociologia da religião, a etnologia da religião, a psicologia da religião, a filosofia da religião, no nível de mestrado.

Foi no mestrado em Ciências das Religiões da UFPB que descobri a possibilidade de estudar os ritos escolares, buscando compreender suas relações simbólicas. Em busca de um aprofundamento no conhecimento desses ritos, ingressei no grupo de pesquisa GEPAL – Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia do Imaginário, que me permitiu realizar estudos sobre o sentido simbólico dos ritos.

Por estar pesquisando dentro da linha de pesquisa: Religião, Cultura e Produções Simbólicas, resolvemos, então, pensar as relações entre essas noções, a partir de um estudo sobre o sentido simbólico dos ritos, considerando, particularmente, o cenário da escola.

Nossa pesquisa encontra-se inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões-PPGCR, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, na área de Ciências Humanas, tendo em vista que nossa temática sobre a finalidade dos ritos no espaço escolar foi uma forma de desenvolver um estudo do sobre a importância simbólica do rito nesse contexto.

Observamos que as práticas educacionais são vivenciadas por meio de ritos. Seja através do processo de iniciação, de passagem de uma etapa da vida para

outra, é possível perceber que o universo escolar possibilita às pessoas, experiências que fortalecem a ideia de pertencimento e identificação a um determinado grupo cultural e social.

Assim, percebemos que no cotidiano do espaço escolar é possível identificar vários ritos vivenciados que podem ser analisados simbolicamente. Por exemplo, quando um aluno passa de um ano para o outro, ele vivencia o rito de passagem, que se caracteriza pela transição de uma etapa para outra, marcando uma conquista.

Normalmente, cada aluno tem seu lugar reservado na sala de aula, definindo o rito de marcar seu espaço. A escola sempre estabelece datas comemorativas para celebrar, por exemplo, a páscoa, que define ritos marcados pelo tempo. Esses ritos são vividos por meio de uma prática de rituais estruturados simbolicamente.

Em nossa pesquisa, direcionamos o estudo sobre o rito para o espaço escolar, por meio do sentido simbólico dos ritos. Entendemos que “Estudar o rito é uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão dos seres humanos em suas culturas” (VILHENA, 2005, p. 13).

Em busca de um estudo contundente a respeito do rito, encontramos as escolas fenomenológicas ligadas ao “sentido” dos fenômenos religiosos; as escolas histórico-religiosas, ligadas à “história das religiões”; as escolas sociológicas clássicas, ligadas à sociologia das religiões; as escolas psicológicas clássicas, ligadas à psicologia das religiões e, por fim, as escolas antropológicas, ligadas aos comportamentos e sinais, às linguagens e aos símbolos.

A partir dessa compreensão, destacamos que a nossa pesquisa pauta-se nas escolas antropológicas. “Tudo isso é posto em ato recorrendo-se à ajuda de um sistema simbólico – particularmente do rito – no qual se fundem dois mundos: ‘o vivido e o imaginado’” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p 219). Com isso, conseguimos estabelecer um método e um corpo teórico para a realização desta pesquisa científica, cuja estrutura delineou-se da descrita a seguir.

No primeiro capítulo, apresentamos o ambiente escolar no sentido de estrutura física adequada para o desenvolvimento educacional; analisamos o conceito de escola e o seu papel social, bem como seu sentido de origem, fins e objetivos; falamos sobre educação formal e não formal, os processos educacionais ágrafos e

escritos. Expusemos que a escola é um dos lugares onde se estimula a convivência com outras pessoas; nela, também recebemos formação e somos instruídos para lutar por uma sociedade melhor.

No segundo capítulo, apresentamos o conceito de rito e sua classificação, considerando também sua finalidade e os aspectos culturais, sociais, religiosos e universais. Entendemos, assim, que ao estudar sobre o rito, temos um importante instrumento para a compreensão do ser humano. Procuramos entender, do ponto de vista sociocultural e religioso, o sentido do rito em sua formação, como também ressaltar o valor e significado dele para vida humana.

No terceiro capítulo, apresentamos o homem como um ser simbólico, segundo Cassirer (1994); abordamos também sobre o valor simbólico do rito; e descrevemos e analisamos a respeito do rito de iniciação na escola. Nosso alvo de estudo foi o rito de iniciação, ocorrido no primeiro dia de aula na EMEF Luiz Vaz de Camões, no município de João Pessoa-PB, referente aos alunos que migram do ensino fundamental I para o fundamental II.

Mais propriamente, poderíamos falar de vários ritos que acontece no espaço escolar durante o ano letivo. Achamos que não cabia, nesse momento, explorar todos os ritos. Neste sentido, optamos em ficar precisamente com o rito de iniciação. Entendemos que essa passagem de um ano para o outro, de uma turma para outra, provoca inúmeras sensações nos alunos. Neste aspecto, a iniciação em uma nova etapa da vida torna-se extremamente importante; chamamos a atenção para processo simbólico na vida de quem vivencia essas mudanças.

Portanto, recorremos a um leque extremamente amplo de significados e associações, valendo-nos de pesquisadores, como Fleury (2013), que nos ajudaram a compreender como no âmbito da passagem para o 6º ano do Ensino Fundamental II, os alunos evidenciam tais mudanças. Entre essas modificações, mencionamos que os alunos passam a conviver com mais professores, novas disciplinas, conteúdos mais complexos e aprofundados, sem falar de alguns que mudam de escola, chegando a um novo espaço; tudo isso, numa etapa da vida tão importante e complexa que é a adolescência. Devido a sua importância, começamos falando sobre o espaço escolar; em seguida, sobre o rito, e, por fim, a questão simbólica do rito para os alunos.

1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA O SER HUMANO

Tendo em vista a importância da escola para a humanidade, nossa proposta nesse capítulo consiste em analisar bibliograficamente alguns subsídios que corroboram com essa hipótese, sobre a importância da escola para o ser humano.

Dessa forma, discorreremos sobre a escola de um modo geral, explanamos sobre a ideia de educação formal e não formal, cada uma com suas características singulares, pois ambas fazem parte do cotidiano, sendo importantes para o crescimento do ser humano. Em seguida, tratamos do espaço escolar, no que diz respeito ao seu aspecto físico e social.

Por fim, direcionamos para o contexto da escola Luiz Vaz de Camões, que é o nosso foco de estudo para a pesquisa e que serviu de aporte ao longo de toda nossa proposta de análise do rito em seu espaço, no caso, o primeiro dia de aula.

1.1 Educação formal e não formal

Antes de apresentarmos o espaço físico e social da escola, achamos por bem, tratar da ideia dos tipos de conhecimento. A humanidade, no decorrer da história, criou várias formas de comunicar o conhecimento. Nem sempre houve escolas da maneira como conhecemos. Nas sociedades ágrafas, não existia a escrita e o conhecimento era transmitido de geração a geração, por meio da oralidade, sempre por pessoas que narravam às experiências mais significativas, interpretavam os acontecimentos, relatavam as conquistas, os sofrimentos, enfim, histórias e fatos da vida.

Para Cambi (1999), a educação está presente desde a pré-história humana, segundo ele:

Até o *Homo sapiens*, que já tem as características atuais possui a linguagem, elabora múltiplas técnicas, educa os seus “filhotes”, vive da caça, é nômade, é “artista” (de uma arte naturalista e animalista), está impregnado de cultura mágica, dotado de cultos e crenças, e vive dentro da “mentalidade primitiva” marcada pela participação mística dos seres e pelo

raciocínio concreto, ligado a conceitos-imagens e pré-lógico, intuitivo e não argumentativo. Já nesta fase, a educação dos jovens torna-se o instrumento central para a sobrevivência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura (CAMBI, p, 58).

Nas sociedades tidas como arcaicas, primitivas, os anseios e as necessidades eram compartilhados em seus grupos de origem e, dessa forma, a consciência do ser humano começou a se desenvolver; os mitos, os símbolos e ritos conduziam cada um a se sentir um ser único, com individualidade, mas em interação social. A tradição fazia com que todas as pessoas viessem a sentir-se ligadas às raízes familiares e às raízes humanas mais profundas, trazendo o sentimento e a experiência de pertencer ao universo.

Há vários tipos de conhecimentos ou saberes, sejam eles do senso comum, conhecido como popular ou o científico. Esta busca pelas informações está diretamente ligada ao desejo que o ser humano tem de achar explicações para seus questionamentos existenciais; sejam racional, sistemático, criterioso, emocional, místico, enfim.

A este respeito, Xavier (2010) faz importantes apontamentos:

Toda pesquisa visa satisfazer à curiosidade humana, à sede de conhecer as coisas do mundo e tudo que nele há. A pesquisa nasce do desejo de nos conhecermos a nós mesmos, nosso corpo, nossa mente, nossos comportamentos, nosso passado, nosso presente e até pela vontade de saber como será nosso futuro. Em outras palavras, nós vivemos buscando respostas às nossas dúvidas e anseios fundamentais. Desde quando tomamos consciência de nossa existência, especulamos soluções para tais questões, farejamos indícios e pistas que apontem na direção de respostas convincentes para os nossos dilemas (XAVIER, p, 17).

Na medida em que vamos aprendendo, ao longo da nossa existência, consequentemente, passamos a viver melhor conosco e com os outros. Na vida, são fundamentais os saberes; daí, a importância da família, da escola, da vida em sociedade. É por meio da transmissão e recepção dos saberes que vamos

adquirindo experiências, que no dia a dia, ao longo da nossa vida, nos ajudarão a viver melhor.

Para Piletti (2000), é importante deixar claro que, em se tratando de educação, por ser universal, ocorrem variações, seja de sociedade para sociedade, de um grupo para o outro, de acordo com suas concepções de mundo, de ser humano, de vida social, e, até mesmo, do próprio processo educativo. Desta forma, a educação, o conhecimento, o saber, em geral, tornam-se dinâmicos, mutáveis, em épocas e sociedades diferentes.

Como podemos perceber, no que diz respeito à história da educação, do conhecimento, do saber, é possível identificarmos que existem diversas maneiras para aprender, que auxiliam o ser humano a compreender o universo e tudo o que está relacionado enquanto ser biológico. Entre tantos, há o senso comum, o paralelismo científico, o filosófico, o religioso, o artístico e o técnico, como os mais comuns para o ser humano.

No que se refere à educação informal ou letramentos múltiplos, compreende-se como aquela que acompanha a trajetória humana, desde seu surgimento, que acontece já nos primeiros passos da vida e não leva em conta a condição social, econômica, religiosa, política. Somos levados a seguir determinados comportamentos impostos pela sociedade, a ser éticos, justos, respeitadores da moral e dos bons costumes. Na educação informal não existe um processo padrão, sistemático, intencional, previamente traçado. Brandão (1985) declara que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, p, 7).

Segundo o referido estudioso, a educação está presente em todos os lugares que se estendem da família à comunidade, em todas as esferas da sociedade, independentemente da posição social. Existe uma infinidade de formas para aprender, mas, necessariamente, não precisa haver classes de alunos ou livros.

Vale ressaltar que todas as vezes em que falamos de escola, projetamos para o espaço físico onde é transmitido, o conhecimento legitimado pela maioria das civilizações como o local específico para o aprendizado formal. É inconcebível ver a escola sem essa finalidade de encaminhamento, repleta de propostas pedagógicas que visam à formação do cidadão.

Compartilhamos do pensamento de Brandão (1985), em que a educação está em toda parte, não precisa da escola para existir; cada sociedade tem seus métodos próprios de transferir o saber de geração a geração, princípios próprios que a vida se encarrega de ensinar, fazendo com que cada ser sobreviva e evolua na vida, convivendo com a natureza, com os animais, com outros seres humanos.

A educação é fundamental para a humanização, a fim de aperfeiçoar o ser humano em cidadão, um ser educado. E, nesse processo, surge a escola, uma instituição idealizada para o ensino com seus métodos pedagógicos. São sistemas tidos como formais de educação, que entre outros motivos, visam ao crescimento do ser humano, por meios de uma estrutura em níveis escolares.

A educação formal se caracteriza por desenvolver, de maneira sistemática, a forma de comunicar o conhecimento. Por meio de planos com seus objetivos, conteúdos, busca atingir suas metas. De fato, sobretudo no âmbito da educação formal, a escola é o modelo mais contundente. Como vimos, a educação não só se realiza na escola nem está presa ao formalismo padronizado de passar o conhecimento.

O aprendizado passa pela família; na rua, na igreja, no trabalho, nas diversões e em outras instituições, porém a escola é, sem dúvida, o local adequado e privilegiado para a propagação do saber sistematizado científico, ou seja, um tipo específico de conhecimento. A educação deve conduzir cada ser humano a desvendar seus próprios caminhos e a conhecer e respeitar os caminhos dos outros. A esse respeito Franco Cambi (1999) aponta que:

A obrigação escolar foi uma característica central da legislação dos Estados modernos, a começar do século XVIII. Obrigação de frequência para todos os cidadãos, pelo menos no nível de escola popular, para atingir justamente aquelas qualidades típicas do cidadão moderno: sentir-se parte de um Estado, reconhecer suas leis, realizar a sua defesa ou a sua prosperidade.

A escola elementar dá elementos cognitivos, mas também sociais: instrui socializando (CAMBI, p, 399).

Nesta tarefa de transmitir o conhecimento reservado à escola, uma das prioridades, é o crescimento individual. Parte-se do princípio de que o ser humano tem potencialidades que precisam ser desenvolvidas. O papel do professor junto ao aluno passa a buscar o saber junto com os alunos, uma ação recíproca, na qual os conteúdos servem como instrumentos de mediação entre o mestre e o aprendiz. Portanto, o desafio da escola por meio do professor é desenvolver aquilo que o ser humano já possui, fazendo com que ele externe e desenvolva suas próprias qualidades.

É este o modelo de educação formal, o papel de formar, por meio de sua estrutura sistemática, de passar o conhecimento, elementos que vão possibilitar ao ser humano desencadear toda sua potencialidade, tendo em vista o desenvolvimento de sua personalidade. É no processo de troca: ao mesmo tempo em que recebo, transmito. Isso se dá pelo simples fato de que o espaço escolar permite desenvolver o aspecto social de que trataremos mais adiante. Existir é coexistir, faz parte da nossa essência; tanto o crescimento como os aperfeiçoamentos estão diretamente ligados ao fato de vivermos em sociedade.

Tanto a educação formal como a informal busca transmitir o conhecimento, utilizando a linguagem, fornecendo uma série de informações, sejam conhecimentos técnicos ou não, que são necessários para que o indivíduo se identifique como membro do grupo. São revestidos de ensinamentos de valores e normas que vão ser fundamentais para que o ser humano possa crescer intelectualmente; conseqüentemente, viver melhor tanto no presente como no futuro.

1.2 O ambiente físico escolar

Achamos conveniente relatar sobre o aspecto físico da escola, por que entendemos que quando temos um local com condições estruturais adequadas para o desenvolvimento de qualquer atividade, faz muita diferença no resultado final, seja na prática de esportes, no trabalho, enfim, tendo recursos, com certeza, facilitará as ações a serem realizadas, por isso, a importância de se ter locais apropriados para a realização das tarefas. No caso da EMEF Luiz Vaz de Camões, objeto da nossa pesquisa, que possui instalações bem estruturadas e equipamentos adequados provavelmente obterá resultados satisfatórios.

Daí, procuramos descrever sobre o ambiente escolar adequado, o qual, além de sua importância na formação dos alunos, o modo como ela é organizada influi no equilíbrio para o bom desenvolvimento do estabelecimento de ensino. Ou seja, a escola deve possuir espaço físico conveniente para o funcionamento da direção e secretária, onde fica concentrado todo setor administrativo da escola, além de salas de aula, sala dos professores, refeitório ou cantina, biblioteca para consulta de livros e revistas, sala de informática para pesquisa na rede social e no uso em trabalhos, quadra poliesportiva para a realização de aulas de educação física e esportes, enfim, toda essa infraestrutura ajudará no processo educacional. Portanto, é fundamental entender o espaço escolar associado à educação, pois ambos se complementam.

Segue-se, então, a caracterização da unidade escolar, onde realizamos nosso trabalho. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2012), a escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Vaz de Camões situa-se no bairro de Mangabeira IV, na Avenida Josefa Taveira s/n, em João Pessoa-PB. Construída através do Projeto Nordeste, recebeu esse nome em homenagem ao poeta português, no aniversário de 500 anos do Brasil. Começou a funcionar em vinte de março de dois mil (20-03-2000), nos três turnos, manhã, tarde e noite.

Atualmente, conta com (1.036) alunos. Sua localização favorece as grandes comunidades ao redor (Mangabeira, II, III, IV e Cidade Verde). Funciona com (11) salas de aula. A escola possui boa acessibilidade devido a sua localização, sendo

privilegiada por um grande fluxo de ônibus que seguem em direção a outros bairros e centro da cidade. Essa facilidade no acesso à escola promove a concorrência de alunos no preenchimento de vagas no início de cada ano letivo.

Em seu ambiente físico, a estrutura da escola está organizada de acordo com as normas da Secretaria Municipal de Educação. A escola Municipal Luiz Vaz de Camões é composta dos seguintes espaços físicos:

- 11 salas de aula
- 01 laboratório de informática
- 01 sala de leitura
- 01 secretaria
- 01 sala de direção
- 01 sala de professores
- 01 sala de especialistas
- 01 sala de Atendimento Educacional Especializado AEE
- 01 cozinha com despensa e área de serviço
- 02 banheiros para funcionários
- 01 refeitório
- 01 sala de multimeios
- 01 depósito
- 01 almoxarifado
- 01 ginásio poliesportivo
- 02 vestiários (masculino e feminino)
- 01 banheiro masculino
- 01 banheiro feminino
- 04 passarelas com cobertura
- 06 corredores.

Esse levantamento histórico e patrimonial é importante para orientar a nossa pesquisa. Antes de falar da função social da escola, fazemos uma ressalva a respeito do foco da nossa pesquisa. Esta investigação foi realizada no início do ano letivo de 2012, e no início do ano letivo de 2013, ambos no primeiro dia de aula (analisaremos esse fato mais acuradamente no terceiro capítulo, onde observamos os alunos que transitam do fundamental I, para o fundamental II).

Na escola Luiz Vaz de Camões é possível encontrar uma enorme variedade de ritos. Ao analisar o calendário escolar brasileiro, várias datas são comemoradas, tais como, o início do ano letivo, o carnaval, a páscoa, o dia das mães, a festa junina, a semana da pátria, o dia dos pais, o dia do estudante, o dia do professor, o encerramento do ano letivo, a formatura, o natal; todos esses ritos dão sentido de ordem, identidade, sentimento de pertença ao grupo, socializando cada participante, promovendo união, senso de coletividade entre os membros daquela comunidade escolar, fazendo-a existir, funcionar.

1.3 O conceito de escola e o seu papel social

Compreendemos que a escola é espaço de produção do saber; um saber instituído, que traduz o conhecimento construído ao longo do tempo, o saber sistematizado. Nesse espaço há diversos saberes construídos e transmitidos pelo corpo docente e discente. A escola é uma instituição que está profundamente marcada por costumes, tradições, rituais, que lhe dão credibilidade. “Minuciosamente organizada, administrada pelo Estado, capaz de formar o homem-cidadão, o homem-técnico, o intelectual [...]” (CAMBI, 1999, p 305).

A escola é uma instituição de ensino formal, espaço reservado e aceito pela maioria das sociedades como sendo o local para ensinar-e-aprender. Como tal, possui normas e padrões, os quais, dentre tantas funções, visam conduzir os alunos em suas etapas de vida, desde a infância, passando pela adolescência, juventude até se tornarem adultos e conquistarem seu espaço na sociedade. Para Brandão (1985), a escola surge quando a educação se sujeita à pedagogia e passa a criar situações próprias para funcionar, sugerindo métodos, regras, tempos determinados para cada disciplina ou conteúdos, tornando-se assim, executores especializados.

Por isso, percebemos a sua importância, uma vez que, através dela, sua clientela tem a oportunidade de aprender tantas coisas, os acontecimentos naturais e humanos. Na medida em que os conhecimentos são transmitidos e os educandos são instruídos, abrem-se novos horizontes que lhes permitem vislumbrar um futuro

promissor. A escola é um espaço de troca e interações entre os participantes, onde todos os envolvidos são fundamentais no processo de educar.

Como relatamos anteriormente, quando Xavier (2010) nos alertou sobre os vários tipos de conhecimentos ou saberes, chamamos a atenção para os vários tipos possíveis de escolas que existem: as tradicionais, com ensino fundamental e médio; as de ensino superior, como faculdades ou universidades; as profissionalizantes, sejam faculdades ou seminários; as específicas, como militar, de música, de economia, religiosa, de negócios, entre outras. Cada uma delas tem a sua função e relevância, sejam em níveis, propósitos, funções e modalidades diferentes, são todas importantes na formação do ser humano.

Vale ressaltar aqui, e é muito importante essa observação, que no universo de escolas espalhadas no nosso Brasil, existe uma grande diferença entre a escola ideal e a real. Bom seria que todas funcionassem como deveria ser, ou melhor, como a Constituição rege em suas linhas sobre a educação no Brasil. Apesar de acreditarmos na instituição educativa, nem sempre ela cumpre o que a Constituição postula e muitas deixam a desejar.

Mesmo falando da importância da escola e do conhecimento adquirido nesse espaço, não poderíamos deixar de registrar a nossa repulsa à forma como é conduzida a educação em nosso país. Segundo Teixeira (1976), existe um distanciamento gritante entre os valores proclamados e os valores reais, no que diz respeito à educação no Brasil. Na medida em que se valoriza o ensino, em contrapartida, há uma desvalorização do profissional, muitas vezes trabalhando excessivamente, lutando com a falta de espaço adequado, equipamentos sucateados, remuneração baixa, enfim, existe um descaso total com o profissional da educação.

Corroborando com esse desequilíbrio na educação, o sistema educacional brasileiro, muitas vezes, tem valorizado mais a quantidade do que a qualidade de alunos. Sabe-se que o direito à educação deve alcançar a todos, porém, é preciso fornecer espaços adequados para comportar os alunos. Todavia, a dura realidade nos mostra escolas com poucas salas de aulas, abarrotadas de alunos, ultrapassando o limite de estudantes por turma, tornando-se inviável o bom rendimento.

Outro problema que encontramos refere-se à indisciplina em sala de aula. Algumas escolas concedem alguns benefícios aos alunos que favorecem a indisciplina. O problema se agrava quando os pais não acompanham a vida escolar dos filhos. Muitos não têm consciência do seu papel de colaborador junto aos educadores, a fim de ajudá-los no processo de aprendizagem.

. As escolas são espaços organizados propostos para o ensino e a aprendizagem. Por isso, percebemos a escola como espaço do saber. A educação de qualidade passa a ser um desafio, pois a escola é o local onde a maioria das pessoas passa boa parte das suas vidas, construindo suas personalidades, seus aprendizados e suas amizades. “As funções primordiais da escola são *conscientizar, questionar, transformar*” (SILVA, 1948, p. 36).

As escolas promovem a capacidade do ser humano de se transformar. Na medida em que o ser humano existe, ele passa a mudar de acordo com o que vai aprendendo, suas experiências de vida. Portanto, a escola é aquela que possibilita relacionar ensino, aprendizagem e desenvolvimento; possui, entre outros aspectos positivos, possibilidades e contribuições ao ser humano que serão levadas ao longo da vida. “Educação é isto: o processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam” (ALVES, 1994, p. 33).

O papel social da escola é de extrema importância na vida da comunidade. Sua função social visa permitir ao educando a possibilidade de desenvolver-se, assegurar a sua formação comum, para o pleno exercício da cidadania; qualificá-lo para o trabalho e prepará-lo em estudos posteriores. Todos os educandos devem ser tratados em igualdade, sendo observada a individualidade de cada um, enfatizando o exercício da cidadania.

A escola tem o dever de, entre outras finalidades, prestar um serviço à sociedade. Na medida em que os familiares dos educandos se satisfazem com os resultados, a escola passa a ter a sua identidade reforçada e seu papel social é legitimado. A educação transmitida na escola deve levar em conta o respeito pela cultura do educando; desta forma, permite ao educando a possibilidade de se situar num horizonte maior, ampliando assim, a sua visão de mundo.

O desenvolvimento da capacidade de aprender e a formação para o exercício da cidadania permitem ao educando influir nos problemas e nas soluções de sua comunidade, enriquecendo assim sua própria cultura. Segundo Vygotsky (2004) o educando vai agir partindo da cognição, dentro do que vai sendo construído, a partir do domínio dos instrumentos de mediação. O educando pode, inclusive, ser transformado em sua atitude mental e, além de ativo, torna-se interativo. O educando constitui o sujeito da história, sujeito da sua história e da história de sua sociedade.

A função social da escola fica mais incisiva quando amplia seus horizontes para a comunidade e faz parceria com ela na administração, no planejamento e na avaliação do trabalho que realiza. É fundamental que a escola seja organizada e desenvolva estratégias para toda a comunidade escolar, articulando ações coletivas. Ao fortalecer o relacionamento da escola com a comunidade, conseqüentemente, incentiva a participação dos pais no processo ensino-aprendizagem.

Em geral, a escola oportuniza ao educando o acesso ao conhecimento, formando um indivíduo crítico, responsável, visando sua atuação no meio sociocultural. Esse processo desenvolve-se através de palestras educativas que dão ênfase aos assuntos transversais, tais como, o meio ambiente, a pluralidade cultural, o trabalho e o consumismo; a sexualidade e a participação social, incorporando também, nesse processo, atividades culturais, lúdicas, artísticas e desportivas, que são fundamentais à formação plena do cidadão.

Esse papel social da escola permite-lhe identificar-se e estabelecer-se como relevante para o ser humano. Na medida em que a escola sensibiliza toda a comunidade escolar para uma educação de qualidade e de inclusão social, ela passa a fortalecer a relação de acolhimento à diversidade humana, sendo um instrumento singular na formação do cidadão; uma vez que o ser humano naturalmente procura seu lugar, seu destino, ela o ajudará nesse processo.

Podemos afirmar que a escola contribui na tarefa de trabalhar a subjetividade e a intersubjetividade do ser humano. Neste sentido, a escola concebe ao aluno a possibilidade do seu crescimento individual, do desenvolvimento de suas potencialidades, ajudando na formação da personalidade, estimulando o aluno como ser capaz, levando em consideração a particularidade de cada indivíduo.

Ao mesmo tempo em que o educando vai descobrindo as possibilidades de crescer na compreensão do mundo, deve respeitar os descobrimentos dos outros. É na convivência, no comunicar-se, no relacionar-se com os outros, que cada um aprende com o próximo; não apenas no que diz respeito ao comportamento, mas, também, na linguagem dos outros que influenciam a percepção exata das coisas.

É importante o papel da escola neste papel de propiciar ao educando a compreensão de que não é preciso cuidar primeiro de si, para depois relacionar-se com os outros. Os seres humanos vivem em relacionamentos constantes, e, simultaneamente, eles recebem e transmitem influências. Ao pensar, sentir, agir, fica notório que nas ações humanas está sempre presente o outro, o ser humano é um “ser-com-os-outros”.

Bakhtin (1929) nos alerta sobre a prática social mediadora de experiência do relacionamento entre os seres humanos. Assim, podemos dizer que a palavra, a comunicação, a linguagem, quando colocada em prática entre os seres, cria identidade, trazendo um reconhecimento de si pelo outro, independentemente que seja na sociedade ou na cultura. “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1929, p. 113).

Pensando, então, na escola e na educação de forma mais ampla, podemos perceber que a maioria dos países possui modelos de educação em que os estudantes progridem por níveis, o que varia de acordo com cada país. No Brasil, o processo educacional se estrutura e se processa de acordo com o Plano Nacional de Educação (2001):

Abrange todos os níveis do ensino, desde a educação infantil até à pós-graduação, nas diversas modalidades, para as diferentes demandas. Ali está incluída a educação regular, a especial, a indígena, a educação de jovens e adultos, a formação profissional, a educação à distância... Da mesma forma, os Planos Estaduais e Municipais terão a abrangência de toda a área que compete ao respectivo ente federado, tenha ele ou não sistema de ensino. Mesmo que não tenha sistema de ensino, o Município deve elaborar seu Plano Municipal de Educação.

Com relação ao modelo educacional no Brasil, os níveis se estruturam da seguinte forma: a educação básica, que abrange a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio; a educação superior; e as modalidades como a Educação de Jovens e Adultos, a Educação à Distância e Tecnologias Educacionais, Educação Profissional, Educação Especial, Educação Indígena, e a Educação do Campo.

Quando se questiona: “Por que a escola é importante?” ou “Por que a educação é fundamental?” é necessário nos inteirarmos das etapas, modalidades, ou faixa etária a fim de compreender cada fase ou nível da educação promovida nas escolas. Começamos, então, pela educação infantil, considerando-se a base de toda a formação escolar. A educação infantil é um direito de toda criança e uma obrigação do Estado (art. 208, IV da Constituição Federal).

A escola é importante para a infância (educação infantil), uma vez que a transmissão é uma das formas de aprendizagem da criança. Isso acontece através do processo de observação e repetição. Na escola, a criança vai aprender a se comportar de acordo com as várias situações que vivenciam na escola; vai aprender o que deve ou não fazer, respeitando o outro, preparando-a uma civilização que vive em constantes mudanças.

É possível perceber um grande crescimento de estabelecimentos que trabalham com a Educação Infantil, de 0 a 6 anos, as creches. As causas são diversas, que vão desde a necessidade dos pais que trabalham fora de casa aos argumentos científicos que afirmam que as crianças devem frequentar a escola, desde cedo, visando o seu desenvolvimento infantil nas relações interpessoais e no desenvolvimento da aprendizagem. De acordo com o Plano Nacional de Educação (2001):

Não são apenas argumentos econômicos que têm levado governos, sociedade e famílias a investirem na atenção às crianças pequenas. Na base dessa questão está o direito ao cuidado e à educação a partir do nascimento. A educação é elemento constitutivo da pessoa e, portanto, deve estar presente desde o momento em que ela nasce, como meio e condição de formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal.

Segundo a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil passa a ser integrada ao sistema de ensino. Tanto as creches quanto as chamadas pré-escolas foram incluídas numa política educacional. A partir daí, foi necessário traçar diretrizes práticas que atendessem ao processo de alfabetização dos alunos, considerando a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças.

A infância é a oportunidade para estimular e possibilitar a experiência que influenciará a inteligência, mais que em qualquer outra fase da vida. Nisso percebemos a necessidade de profissionais especializados que mediem o que a criança conhece e o um novo conhecimento; sendo assim, percebe-se um investimento no desenvolvimento e potencial humano. De acordo com o Plano Nacional de Educação (2001):

A educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional, da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade.

A Educação Infantil está inserida como primeira etapa da Educação Básica, tendo como espaço para a prática dessa modalidade, como já comentamos, as creches e pré-escolas. Essa fase é importante para as crianças até seis anos de idade, uma vez que elas têm a oportunidade, já nos primeiros anos de vida, de desenvolver a capacidade motora, emocional, intelectual e social. Essa etapa é fundamental, pois proporciona à criança um crescimento integral em sua formação humana.

A escola torna-se importante para as crianças, adolescentes e jovens, devido ao seu papel formador. Enquadram-se nesse grupo, os alunos com a faixa etária entre sete e quatorze anos de idade, enquadrados no nível conhecido como fundamental I e II. Sua relevância se afirma como etapa basilar:

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu art. 32, o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo constituem meios para o desenvolvimento da capacidade de aprender e de se relacionar no meio social e político Plano Nacional de Educação (2001).

Nesse período da vida, o papel pedagógico da escola mais uma vez se consolida, uma vez que todas as suas ações voltam-se para o aluno, oferecendo-lhe oportunidades, tendo como ponte de partida a realidade de cada aluno, seus problemas, suas origens e seus anseios. Cabe à família, ao poder público e à sociedade, promover recursos e conscientizar as crianças e os adolescentes a serem cidadãos que devem buscar sempre um futuro melhor.

A escola é para todos, de acordo com a Constituição Brasileira (1988), até mesmo para aqueles que não tiveram acesso a ela na idade considerada adequada. O Estado tem o dever de ofertar de forma gratuita uma educação de qualidade, sem requisito de seleção. Portanto, todos devem ser contemplados no acesso ao conhecimento, considerando os aspectos da cultura para a formação do indivíduo.

Mais uma vez esbarramos na incoerência da lei, no que se refere ao que ela postula e o que se cumpre. Nós sabemos que é um direito de todo cidadão o acesso a escola, ao conhecimento sistemático transmitido nesse espaço. Infelizmente sabemos que não é isso que acontece de fato, por um motivo ou outro ainda temos no Brasil muita gente fora da sala de aula. Ainda que seja difícil diante das injustiças sociais que vivem os brasileiros, mesmo com suas limitações e dificuldades que enfrentam no dia a dia, todos aqueles que estão na escola devem ser tratados dignamente como seres humanos.

E nesse desafio é muito importante levar em consideração tudo o que ensina e se aprende numa escola. Considerar fatores e processos de desenvolvimento torna-se fundamental para o bom desempenho da escola. A garantia da construção do conhecimento passa pelo viés da formação do educando, por meio de condições de igualdade para todos. Tal formação objetiva o desenvolvimento pessoal e o preparo para a vida em sociedade do educando.

O fato é que devemos ressaltar o compromisso social da escola em educar para a vida, zelando pela aprendizagem dos educandos, promovendo as possibilidades, para que haja o pleno desenvolvimento de cada um. Da mesma

forma, as contribuições para que o indivíduo venha a ser preparado para o exercício da cidadania, visando, entre outros objetivos, à qualificação para o trabalho. Pelo exposto, ressaltamos a sua singularidade como instrumento importantíssimo não só para as crianças e adolescentes, mas para o ser humano num todo.

Outrossim, a escola é importante para os Jovens e Adultos (EJA) e constitui mais uma etapa fundamental, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases (nº. 9.394/96) estabelece essa modalidade como específica da Educação Básica, com o fim de promover a escolarização das pessoas que não tiveram, por um motivo ou outro, o acesso à escola na faixa etária correspondente.

Cada ser humano tem sua história de vida. É fundamental, portanto, observar que, ao longo da vida, muitos fatores são pontuais para aqueles que não conseguiram frequentar a escola; seja por motivo de saúde, de ter que trabalhar logo cedo ainda criança, por falta de estímulo, acomodação, enfim, o fato é que a escola para atender a essa demanda teve que passar por algumas modificações.

Veja o que diz o Plano Nacional de Educação (2001):

Para atender a essa clientela, numerosa e heterogênea no que se refere a interesses e competências adquiridas na prática social, há que se diversificarem os programas. Neste sentido, é fundamental a participação solidária de toda a comunidade, com o envolvimento das organizações da sociedade civil diretamente envolvidas na temática. É necessária, ainda, a produção de materiais didáticos e técnicas pedagógicas apropriadas, além da especialização do corpo docente. A integração dos programas de educação de jovens e adultos com a educação profissional aumenta sua eficácia, tornando-os mais atrativos.

É oportuno observar o impacto das transformações que vêm ocorrendo no mundo, as mudanças sociais, tecnológicas, científicas, assim como, da globalização, do mercado de trabalho. Tudo isso reforça a importância da escola, pois, é nesse espaço que muitos encontram a possibilidade do letramento, do preparo para o mercado profissional.

Assim, o potencial transformador da educação, num sentido mais amplo, e a escola, num sentido mais restrito, atuam como agentes que promovem novas visões, valores, contribuindo em mudanças que levam tanto os seres humanos como a sociedade a saírem do real e a buscarem o ideal; indivíduos conscientes, estando

sempre buscando seus espaços, seus direitos enquanto cidadãos, melhorando assim, suas qualidades de vida.

Algumas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar, podem usufruir do privilégio não só de ler e escrever, mas de melhorar a qualidade de vida, ampliar as oportunidades no campo do trabalho e exercer, com mais propriedade, o seu direito de cidadão. Entretanto, é difícil perceber a escola sem a finalidade de encaminhamento, com propostas pedagógicas pertinentes, que visam à formação do cidadão. A educação, todavia, está em toda parte, não precisa da escola para existir. Cada sociedade tem seus métodos de transferir o saber de geração a geração, princípios que fazem com que cada ser sobreviva e evolua na vida, convivendo com a natureza, com os animais, com outros seres humanos.

Dentre as modalidades de educação que são oferecidas nas escolas municipais, como a da Escola Luiz Vaz de Camões, percebemos que a escola busca atender a comunidade, através de currículos que atendem o ensino fundamental I, que corresponde do 1º ao 5º ano; o fundamental II, que corresponde do 6º ao 9º ano, até a educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para atender a toda essa demanda, a escola estrutura-se para atingir seus objetivos por meio de planejamentos, durante o ano letivo. Ao planejar tudo que vai ser realizado durante o ano letivo, percebemos o rito bem presente em cada ação que é posta em prática nesse espaço.

Fazendo uma comparação com o rito em sua dimensão constitutiva do desenvolvimento humano, ambos, a educação e o rito, são essenciais e de grande importância para a formação do sujeito, promovendo não só a sua entrada, mas a sua permanência na vida social. Tanto a educação como o rito estão presentes em cada povo, seja na Pré-história, na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna, na Contemporânea, ou Pós-moderna.

1.3.1 O rito no contexto social da escola

Com relação ao papel social da escola, a nossa intenção aqui é a de simplesmente apontar algumas situações com que nos deparamos no contexto escolar e que entendemos ser importantes para cada aluno. Propormos, então, tratar de elementos como o rito, o simbólico, o imaginário, que estão presentes no dia a dia da escola, dando sentido, fortalecendo laços e promovendo identidades.

No contexto da Escola Luiz Vaz de Camões foi possível observar vários ritos presente nesse espaço. Portanto, o objetivo que motivou a pesquisa foi identificar a finalidade do rito no espaço escolar, tendo como foco o rito de iniciação, realizado no primeiro dia de aula dos discentes que mudam do fundamental I para o fundamental II. No entanto, achamos interessante compartilhar sobre o entrelaçamento entre a escola, o rito e a religião.

Desse modo, trazemos a relação entre o rito e a relação da religião com a educação, trazendo à memória o rito como sistema simbólico, onde as experiências exigem significados entre aquilo que é vivenciado e o imaginado. Percebemos que no espaço escolar os ritos aguçam o imaginário dos educandos e, nesse contexto, encontramos uma série de ritos que muitas vezes adquirem aspectos religiosos. Portanto, antes de tratarmos da questão simbólica do primeiro dia de aula, achamos conveniente discorrer rapidamente sobre vários ritos que, no imaginário dos educandos, ganham sentido religioso dentro do espaço escolar.

Não custa lembrar que traçamos os nossos objetivos na dissertação no sentido de destacar a importância da escola para o ser humano, abrangendo o ambiente escolar como espaço de troca de conhecimento e, conseqüentemente de aprendizado; com o mesmo olhar investigativo ressaltar a importância dos ritos para o ser humano, levando em consideração as marcas significativas deixadas pelos ritos, tanto individual como coletivamente, dando um destaque a importância simbólica do rito de iniciação na escola.

Entendemos que os ritos proporcionem uma relação entre a religião e a educação formal. O ser humano dá sentido ao mundo por meio da imaginação e isso

implica entrar no plano simbólico, ou seja, os gestos dos corpos nos ritos ganham representações simbólicas. Percebemos que no cotidiano do espaço escolar é possível identificar vários ritos vivenciados que podem ser analisados simbolicamente. É uma forma de identificar a religião interconectada na educação pelo viés dos ritos.

A partir desse pressuposto, antes de analisar estes ritos que ganham sentido religioso, faz-se necessário um entendimento do que venha a ser imaginação simbólica. Segundo Durand (1988), um estudo do imaginário e do pensamento simbólico nos relata exatamente como funciona essa estrutura no pensamento humano; tal assertiva nos leva a entender a relação histórica da educação e religião, por meio da imaginação relacionada aos ritos. Durand adverte que:

Neste “mundo” que é o mundo humano criado pelo homem, o útil e o imaginativo estão inextricavelmente misturados; é por essa razão que cabanas palácios, e templos não são formigueiros, nem colmeias, e que a imaginação criadora ornamenta o menor utensílio, a fim de que o gênio do homem não se aliene nelas (DURAND, 1997, p. 397).

De acordo com o estudioso, imaginar é algo que faz parte da natureza do ser humano. Para que isso seja posto em prática, é preciso relacionar o uso do símbolo com o mundo do imaginário. Na busca de sentido para a sua essência, o ser humano faz, cria, inventa, reinventa coisas. É imprescindível a compreensão de que a razão é uma função da mente que analisa os fatos e compreende a relação existente entre eles. Mas a imaginação é o que dá significado àquilo que o homem faz, e traz para o campo da liberdade, de transcender da matéria, por meio da imaginação. É por essa razão que o homem sempre cria e dá sentido as coisas.

Pensando no espaço escolar e entendendo que o rito está inserido nesse contexto, temos a oportunidade de perceber e reconhecer a religião atrelada à educação, por meio dele. Para tanto, os aspectos da existência humana, como a imaginação e o símbolo, servem como auxílio e, respectivamente, baseiam nosso estudo, que vislumbra o interesse em entender como os ritos na escola em vários momentos ganham aspectos religiosos. Visando tornar claro o nosso pensamento, falamos dos ritos com forte evidência da religião no espaço escolar.

Tomemos, por exemplo, a Páscoa¹. Conforme Vilhena (2005), este é um macro ritual, do qual integra um grande número de pessoas, ou seja, não é um rito micro, diário, e, sim, um rito sagrado religioso, onde a sociedade de um modo geral participa. A Festa da Páscoa é um rito de passagem que é realizado antes do mundo judeu, e antes mesmo da cristandade, mas sempre significou a passagem de um tempo de trevas para um tempo de luz. Na verdade, a Páscoa foi adaptada pelos cristãos do feriado pagão, quando se comemorava no festival de Ostara, deusa da primavera na mitologia grega.

Presente no calendário brasileiro, a Páscoa é uma das datas festejadas sempre no mês de abril e as escolas brasileiras, normalmente incluem alguma programação para comemorar e reatualizar este momento. É comum que os educandos, junto com os professores, preparem uma encenação da via sacra, que revive todo sofrimento e ascensão de Jesus Cristo, que se estende desde nascimento, vida, morte e ressurreição.

Compreendemos que os ritos são celebrações das tradições e manifestações culturais que possibilitam um encontro interpessoal entre os cristãos. Servem à memória e à preservação da identidade, seja ela cultural, social, religiosa, enfim, abrange todos os aspectos da vida. Portanto, o rito da Páscoa, que é compreendido como uma recapitulação de um acontecimento sagrado anterior.

Atribuímos à Páscoa um sentido simbólico, o qual é representado através da encenação da via sacra, ou seja, do trajeto que Jesus Cristo faz carregando a cruz, sua morte e ressurreição no domingo de Páscoa. Essa representação vem para dar movimento e sentido prático à ideia de sagrado. Consiste em um ritual com alto teor simbólico, refletido nas imagens de cada participante, seja atuando ou assistindo.

O rito da Páscoa desvela imagens que nos esclarecem mensagens que traduzem a cultura brasileira. Os ritos são práticas que fazem o homem compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor. Desta forma, pode-se perceber sua função social, ainda que seja um rito religioso.

Compreendemos aqui, o sagrado presente na escola, portanto, na vida dos educando e demais profissionais da escola. Configura-se que “alguns aspectos do rito, podemos afirmar que incidem em todas as dimensões na vida pessoal e

¹ O termo está colocado em letra maiúscula, pois é comemorado, devido a sua importância na vida cristã e cultural do país.

coletiva”. (VILHENA, 2005. p34) O rito estrutura tanto uma pessoa como uma sociedade. Segundo Terrin:

O rito parece um elemento de estruturação e organização do mundo, inalienável em sua facticidade e decisonalidade operativa. É o mundo que no rito, faz-se e torna-se um todo organizado para a consciência. E esse elemento comporta como tentamos demonstrar – uma encarnação que supera todas as outras categorias de suporte e de apoio do homem e do seu ser no mundo (TERRIN, 2004, p.192).

As imagens contidas na celebração do rito da Páscoa na escola, têm uma conotação de extrema relevância, tendo em vista os fatos ocorridos antes do dia exato de sua comemoração, como a morte do cordeiro. Segundo a tradição cristã, rememoram-se todos os dias que antecedem o dia da Páscoa. É lembrada a morte de Jesus Cristo e sua nova vida, sua ressurreição. Ou seja, para os cristãos, a Páscoa representa a passagem de Jesus Cristo da morte para a vida. Tanto é a passagem de Deus entre nós, como nossa passagem para Deus. Significa uma nova vida!

Entretanto, discorremos sobre algumas partes na compreensão simbólica do fato da crucificação. A imagem do sofrimento, da morte na crucificação, da ressurreição e de Jesus com o corpo glorificado, estrutura toda a história da Páscoa que é, ainda hoje, vivenciada no contexto escolar. Compreendemos que a história perpassa pela áurea do imaginário dos que celebram o rito. Nas imagens evocadas na história da Páscoa, apreendemos uma significação simbólica. Para essa abordagem, percorreremos o método de convergência proposto por Durand (2001) nas Estruturas Antropológicas do Imaginário.

No imaginário da dor e sofrimento de Jesus Cristo, ele percorre a via sacra e sobe à cruz; depois desce ao calvário e em seguida ressurge para a nova vida. “Veremos que os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque é variações sobre um arquétipo” (DURAND, 2001, p. 43), o que, no dizer de Pitta (2005), é a representação do schèmes, que são imagens inatas e coletivas, toda uma representação que faz aparecer um sentido.

A condição humana no contexto escolar brasileiro, com relação ao rito da Páscoa, foi representada por imagens que são valorizadas pela cultura, da

sensibilidade da própria cultura brasileira. Na descida de Jesus Cristo, filho de Deus, a terra se junta ao sofrimento do peso da cruz, traz presente o schèmes da descida que, conforme Durand (2001), corresponde ao gesto de engolir, o qual, denota divisão. Então, percebeu-se a separação de Jesus Deus, na tradição cristã, agora figura de Jesus homem, uma descida, uma humilhação extrema, um profundo sofrimento.

A crucificação, nessa descida, os que acompanham o desenvolver do rito, vivenciam o sofrimento, a luta, a dor. “Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, pusera-la na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura. Chegava-se a ele e diziam: salve-se rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas” (JOÃO, 19, 2-3). Contemplamos imagens noturnas na sua significação simbólica, aspectos da angústia.

Para Durand (2001), o imaginário humano individual ou o coletivo são estruturados em dois regimes de imagens. O regime de imagens diurno caracteriza-se pela antítese, em que se apresentam a bipolaridade simbólica das imagens; já o regime noturno corresponde ao eufemismo, na tentativa de mascarar simbolicamente, de forma inteligente, as faces do tempo e da morte.

Na multidão que caminha atrás de Jesus e deseja a sua morte, pode-se compreender o caos. Pessoas, multidão, gente por todos os lados, que se assemelham a formigas, querem a morte de Jesus. A serpente ataca veloz e cruelmente. “Uma das primitivas manifestações é o formigamento, ‘imagem fugida, mas primeira’. Não retenhamos pela etimologia da palavra o trabalho das formigas que aparenta a imagem destas últimas à da serpente” (DURAND, 2001, p. 73). Formigas na terra! Serpentes na terra! Elas estão em seu habitat.

O aspecto angustiante da morte que se aproximava: “Tomaram eles, pois, Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário gólgota em hebraico, onde o crucificaram...” (JOÃO 19, 17-18a), local que ficava no lado norte da cidade velha de Jerusalém, chamado de monte caveira, pois forma com as sombras, a figura semelhante a um rosto.

Nesta configuração do monte caveira, percebemos os aspectos do fim, na presença dos símbolos isomórficos (Durand, 2001), que denotam a forma de terror do fim, no aspecto negativo, e a morte figurada, mais parecem um leão devorador. A morte desvela o aspecto angustiante da animalidade, a ‘mendicância’ como a boca

aberta cheia de dentes e, aqui, a presença do leão, como diz Pitta (2005), terror e morte, temas negativos do simbolismo animal.

Das trevas, no próprio monte gólgota, e do barulho pelas pessoas que gritavam para que o crucificasse, conforme o texto bíblico: “Eles, porém, clamavam: Fora! Crucifica-o! [...]” (JOÃO, 19.15a). Nesse momento de sofrimento antes da morte e crucificação, o terror se aproxima. Aqui se faz presente o arquétipo das trevas, quando o dia já estava passando e a tarde chegando, o crepúsculo se aproximava e assim a noite chegaria. “E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta...” (JOÃO 19.14a). De acordo com Durand:

Na tradição judaica o Talmude mostra Adão e Eva vendo ‘ com terror a noite cobrir o horizonte e o horror da morte invadir os corações trêmulos’ [...], a hora do fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terrificantes: é a hora em que os animais maléficos infernais se apoderam dos corpos e das almas. Esta imaginação das trevas nefastas parece ser um dado fundamental, opondo-se à imaginação da luz e do dia. As trevas noturnas constituem o primeiro símbolo do tempo, e entre quase todos os primitivos como entre os indo-europeus ou semitas ‘conta-se o tempo por noites e não por dias’. (DURAND, 2001, p. 91-92).

Já no que se refere à morte, percebemos que uma situação de trevas se faz presente. “Já era quase a hora sexta, e escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona [...] então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou.” (LUCAS 23. 44 e 46). Compreendemos a morte como a maior, a pior e a mais grave queda que qualquer mortal, inevitavelmente, passará, algo de que a humanidade não pode fugir: Nem o tempo, nem a morte são imagens da queda humana. “A queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo.” (DURAND, 2001, p.113).

Um tempo negativo: o filho do homem, que, pela compreensão bíblica e da igreja, é filho de Deus e o próprio Deus, ele mesmo agora vai às entranhas da terra. A solução é pegar as armas para destruir o monstro da morte ou compreender, pela visão cíclica do tempo, que a morte não é nada mais que um renascimento.

Foi crucificado em um madeiro: “E tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou em um túmulo aberto em rocha, onde ainda ninguém

havia sido sepultado” (LUCAS, 23. 53); traz à luz da imaginação, a árvore e traz à memória, uma grande árvore.

A *axis mundo*’ é também um símbolo de verticalidade do cosmos compreendido pelo espaço que se constitui sagrado e é reconhecido facilmente pelo grupo, pela cultura, nele estão contidos os valores comuns inerentes à coletividade (SILVA, 2011, p.58).

Compreendemos que o grupo, ou a cultura que constitui na cruz o sagrado, em todo seu contexto histórico, rememora no madeiro essa imagem coletiva e primitiva da árvore, ou seja, existe um “enraizamento profundo nos símbolos bíblicos no húmus antropológico universal” (GIRARD, 1997, p.6). Estamos tratando de símbolos presentes nas culturas que deram origem aos símbolos bíblicos, a israelita e judaico-cristã. Para Durand:

A cruz cristã, enquanto madeira erguida, árvore artificial, apenas drena as acepções simbólicas próprias a todo simbolismo vegetal. Com efeito, a cruz é muitas vezes identificada a uma árvore, tanto pela iconografia como pela lenda, tornando-se como escada de ascensão, porque a árvore é contaminada pelos arquétipos ascensionais. (DURAND, 2001, p. 328-329).

Na realidade, o símbolo da madeira influencia a imaginação criando metáforas, dando a perceber a cruz como a árvore que figura o homem e sua existência. Portanto, na imaginação, não só cristã, é vivenciado todo esse simbolismo. A posição vertical da cruz que Jesus foi crucificado, bem como o lugar, o monte onde a cruz foi colocada, remonta uma organização não só de uma cultura ou de uma tradição religiosa específica, mas nos leva a imagens de verticalidade, sagradas e presente em várias religiões. Na visão de Girard:

Bem antes do acontecimento dramático do Gólgota, desde a mais alta antiguidade, a cruz já existia e servia de símbolo antropológico, cósmico e/ou religioso. Atestam-se muitas fontes em Creta, no Egito, na Mesopotâmia, na Índia, na China, no México, no Peru e até na África negra [...] foi até sugerido de ver nela ‘o mais totalizante dos símbolos’, ou o ‘símbolo dos símbolos’ (GIRARD, 1997, p478).

Compreendemos, portanto, que a dimensão desse simbolismo não se esgota nessa dissertação, tendo em vista a amplitude de sua significação. Porém, podemos apreciar como esse simbolismo influencia a vida dos que o vivenciam na páscoa.

A ressurreição, por exemplo, vislumbra um início indispensável à imaginação, que é a representação do tempo que causa angústia, com a certeza da morte, mas transparece, ao mesmo tempo, e conjectura-se a dominação destas representações. Na ressurreição, o cetro e o gládio, símbolos ligados aos schèmes de elevação, estão presentes na imaginação. Aquele que estava em baixo, caído, sem vida, morto, ressurge! “E encontraram a pedra removida do sepulcro; mas ao entrarem não acharam o corpo do Senhor Jesus [...] Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galileia, [...]” (LUCAS 24. 2-3; 6).

Há um isomorfismo entre a cruz ereta e a árvore em toda potência cíclica do símbolo. Com a saída do túmulo na ressurreição, tudo chama para o alto, para a vida. Potencializa-se a vitória da morte que é compreendida em estar voltada para o alto; o que, no dizer de Girard (1997), quando um cristão olha para a cruz, não se lembra do túmulo, mas do único meio de subir aos céus.

Outra imagem que traduz a ressurreição é a do chefe que reconquista uma potência perdida. Ele perdeu para a morte, perdeu a vida. Com a implacável morte e fim de tudo, foi-se o reinado. Entretanto, com a ressurreição, a vida, o reino, o lugar, a posição é recuperada, imagem expressa do cetro e do gladio, em que temos o bastão simbólico. Como salienta Girard:

Não obstante, os primeiros cristãos viram na cruz menos uma recordação dos sofrimentos dramáticos de Jesus do que um verdadeiro símbolo da glória divina e/ou da ampliação cósmica da salvação: testemunham-no as inscrições funerárias das catacumbas e a arte cristã primitiva, não menos do que alguns apologistas importantes como são Justino e santo Irineu, desde o século II. (GIRARD, 1997, p. 486).

A cruz, figura da árvore, assume a compreensão do símbolo diairético em que há uma separação cortante entre o bem e o mal, numa visão maniqueísta. Contemplando a cruz e sua posição de verticalidade, assim como a árvore cujas raízes estão embaixo e o tronco na terra, cujas folhas voam aos céus; bem como a

significação do tempo cíclico presente no simbolismo, assemelha-se na imaginação uma metáfora de vida constante.

Até bem pouco tempo eram bem duras as renúncias na quaresma, período em que os cristãos da tradição católica reservam para as comemorações da chamada semana santa, a qual se inicia no último dia de carnaval, e rememora-se simbolicamente na semana da páscoa, a via sacra, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. É como se os cristãos católicos quisessem vivenciar um pouco das dores de Cristo.

Atualmente, existe uma reverência por toda a cristandade e uma rememoração do rito, e assim, faz-se presente o mito, ou aflora o mito já existente na cultura, o mito do herói. “O drama temporal é desarmado de seus poderes maléficos pela busca de um fator de constância e fluidez do tempo, pela promessa da aurora. Nela simulam-se os arquétipos e símbolos messiânicos e os mitos históricos.” (GOMES, 2010, p19).

O mito do herói ressoa na Páscoa. Um herói como Noé:

É o herói que escuta a voz da vida, e obedecem-lhe as estratégias de combate contra a morte. Suas ações não são decorrentes da raiva ou da excitação do combate, mas da obediência. Ele não é símbolo de coragem, mas da bondade.” (GOMES, 2009, p. 148).

Como resultado de nosso olhar sobre o rito da Páscoa, foi possível analisar os costumes presentes no contexto escolar e o processo de convivências e sociabilidades que este rito suscita. O ato teatral, o cenário, os figurinos e os atores (alunos), criam um clima de ansiedade, nervosismo, preocupação e desejo que tudo venha sair como ensaiado, planejado.

Chegado o grande dia da encenação, todos na escola, direta ou indiretamente, se envolvem, uns ajudando os outros na ornamentação, nos preparativos, criando um ambiente singular na socialização dos alunos, professores, direção, enfim, na comunidade escolar; a escola de braços dados para celebrar a Páscoa. Esta celebração emociona até mesmo aqueles que se dizem indiferentes quando se trata a respeito de religião. Em cada cena, em cada passagem, é visível a comoção dos participantes, dos ouvintes, dos que assistem ao espetáculo.

Outro momento marcante no calendário brasileiro e no contexto escolar é a festa junina. Como a Páscoa, a festa junina é muito antiga, suas origens vêm do Egito Antigo. Devido ao início da colheita, cultuavam-se os deuses do sol e da fertilidade. Sob o domínio do Império Romano sobre os egípcios, esse costume se expandiu pela Europa. No processo de colonização do Brasil, esses costumes foram herdados através dos Portugueses, porém, no território brasileiro, houve uma ressignificação quando o cristianismo tornou-se a religião oficial.

A festa passou a homenagear Santo Antônio, São João e São Pedro, sempre no mês de junho, principalmente no nordeste, quando marca a colheita do milho; uma festa marcada por aspectos sagrados e profanos, que além de reverenciar os santos, é também envolvida por muitas comidas típicas, como a canjica, a pamonha e a tapioca, marcada também por superstições e simpatias, pelas danças de quadrilhas, fogueiras, balões e fogos, que animam esse período.

Nas escolas, o espaço é transformado e os educandos se apresentam por série e perpassam por um resgate histórico, cultural e religioso com as danças típicas, fazem concursos, arrumam as salas, enfeitam o refeitório, a quadra de esporte com bandeirinhas coloridas, armam pequenas barraquinhas para vender comidas típicas e arrecadar dinheiro para a formatura e outros eventos no colégio, participam de passeio com a turma, enfim, participam e compreendem as crenças nos santos, a devoção, e conseguem diferenciar o sagrado do profano.

Já no final do ano letivo, sempre no mês de dezembro, temos a festa natalina, quando os educandos se preparam para as festividades, momento de reflexão, de avaliar as suas ações, época própria para o recomeço, para revestir-se do desejo de esperança, almejar vida nova, ternura, alegria, futuro. As atividades propostas para essa época envolvem os alunos que aprendem a se socializar e a valorizar o próximo, na medida em que estão envolvidos nos ensaios das peças, das cantatas, refletindo sobre as músicas sacras que falam de amor e valores.

As imagens, os símbolos, as palavras sagradas, gesticuladas e verbalizadas integram rituais que vão indicando aos educandos o sentido ímpar desses momentos para suas vidas, mensagens que no imaginário são revestidas de uma riqueza profunda, mensagens puramente de ordem religiosa e míticas. Podemos ver, dessa forma, o sagrado sendo vivenciado e representado na escola, considerando a imaginação simbólica dos educandos.

Duborgel oferece uma boa explicação sobre momentos como esses em que as imagens são captadas:

A imagem é “sobre real”, na medida e no sentido em que a representação plástica torna menos sensível uma realidade apreendida na contingência de um olhar específico, e, contudo “comum”, do que uma realidade representada em função da ordem do conhecimento. Assim, as imagens são um convite à observação, à identificação, ao reconhecimento, à descrição, à definição e à etiquetagem do mundo que elas espelham (DUBORGEL, 1992, p. 27-28).

Todos esses ritos citados como a Páscoa, as festas juninas e natalinas, são ritos vividos por meio de uma prática estruturada simbolicamente, ressaltando, assim, a presença da religião no espaço escolar. No entanto, queremos salientar que existem outros tipos de ritos praticados nas escolas brasileiras, os quais adquirem também contornos religiosos, analisados a seguir. Começemos pelos ritos de passagens.

Os ritos tidos como de passagem, que são clássicos em todas as culturas da mais simples as mais complexas, são ritos que marcam as mudanças de idade, de lugar, de posição na sociedade. Tais ritos ajudam e ratificam momentos marcantes na vida do ser humano. Falaremos mais adiante quando tratarmos a respeito dos alunos que passam de um ano para o outro e vivenciam o rito de passagem, que se caracteriza pela transição de uma etapa para outra, marcando uma conquista.

No dizer de Foucault (2013), ao analisar as diversas instituições sociais como a família, a igreja, a escola e outras mais, identificou-se uma rede de poderes, cujo objetivo é ‘docilizar os corpos’. Uma docilização que ultrapassa o corpo físico e alcança a consciência humana, tornando os corpos produtivos, através das informações e formas de pensar, conforme o poder governante, instituído para conter as pessoas e vigiá-las. Desta maneira, as instituições que exercem o referido poder tornam-se instrumentos de dominação e controle, com a atenção voltada para extinguir e domesticar.

Mesmo saindo um pouco da nossa proposta, gostaríamos de fazer uma rápida menção acerca do pensamento de Foucault (2013), o qual afirma que a escola é o local onde os indivíduos são inseridos por algum tempo para que seus

comportamentos e pensamentos sejam formatados. Gostaríamos de ratificar a nossa posição, em concordância com o filósofo francês, uma vez que é na escola onde os alunos tornam-se verdadeiros cidadãos, tendo em vista todo o investimento que é feito na formação dos alunos.

Os ritos de integração como a cerimônia de início do ano letivo, a acolhida feita pelo corpo de funcionários da escola, demonstram para os pais, e para os alunos, que esses ritos simbolizam o reconhecimento social do indivíduo e a sua integração no grupo onde ele encontra sua identidade e pertença nessa nova fase da vida. Na medida em que ele é integrado ao grupo, conseqüentemente, passa a ter direitos e deveres e as normas vão trazer ao imaginário o aspecto religioso, haja vista que envolve valores, conduta, hábitos éticos, proibições morais.

Os ritos ligados ao alimento, como a merenda escolar, é o momento onde alguns adquirem um valor simbólico do sagrado. O respeito pelo alimento, o momento de comunhão onde todos se reúnem para alimentar-se, o sentido de sagrado por ser o alimento vital para sobrevivência, pois sem ele não há vida.

Outros ritos como dia dos pais e mães, onde há o respeito sagrado da família, que se revestem de um sentido sagrado para os alunos, mesmo em meio à degradação familiar de que alguns deles são vítimas por não ter a família que eles entendem como ideal, por não ter recebido todo amor que queriam ou a aceitação de que precisava, é possível perceber que, na maioria deles, há um teor de gratidão para com os pais e mães.

Compreendemos que tanto o rito como a escola possibilitam ao ser humano estruturar os pensamentos que dão sentidos às ações humanas. Ao longo da existência, seja nas mais remotas e isoladas culturas, a educação, como o rito, têm proporcionado uma chave especial que abre o caminho para as fases da vida. No espaço escolar encontramos os mais variados tipos de ritos, sejam eles, formais ou informais, simples ou sofisticados, sagrados ou profanos. São vários os eventos que permitem uma nova maneira de olhar as pessoas e as circunstâncias ao redor, e é possível perceber a presença da religião atrelada à educação.

Desse modo, neste primeiro capítulo apresentamos o ambiente escolar no sentido de estrutura física adequada para o desenvolvimento educacional, entendendo a ligação da escola atrelada à educação no sentido de complementaridade. Analisamos o conceito de escola e o seu papel social, bem como seu sentido de origem, fins e objetivos; destacamos assim, a ideia da

educação formal e não formal, os processos educacionais ágrafos e escritos. Mostramos que a escola é o lugar onde aprendemos a conviver com outras pessoas; nela também recebemos formação e somos preparados para a sociedade.

Compartilhamos, também, sobre o rito que, em alguns momentos na escola, ganham aspectos religiosos; tratamos sobre o simbólico que se manifesta a partir do uso dos símbolos nos rituais realizados e sobre o imaginário no contexto escolar. Entendemos que a imaginação vai além do real e ultrapassa os limites da razão. Compreendemos também, que o nosso objetivo de ressaltar a importância da escola para o ser humano individualmente e para sociedade tenha sido alcançado. No próximo capítulo, proporcionamos um estudo mais detalhado referente ao rito.

2 A IMPORTÂNCIA DO RITO PARA O SER HUMANO

Considerando a finalidade do rito no espaço escolar e a importância da escola para a humanidade, nossa proposta neste capítulo consiste em ressaltar o rito como elemento organizador da vida individual e coletiva. Adotamos para análise, como critério de seleção, o conceito e classificação dos ritos, a finalidade dos ritos, e os aspectos dos ritos.

No primeiro momento, apresentamos o conceito e classificação dos ritos, presentes nas culturas, sociedades e tradições religiosas, ou não; onde quer que haja vida, o rito se faz presente. Para classificação, seguimos o ponto de vista de Terrin (2004): os ritos de natureza fenomenológico-religiosa, histórico-religiosa, ligados ao ciclo da vida, com fundo sociocultural e religioso, e os ritos com conotação mística.

No segundo momento, consideramos as suas finalidades. O rito traz consigo a convergência harmoniosa do homem com ele mesmo, com os outros seres humanos, com a natureza, com o cosmo e o sagrado. Outra finalidade é que o rito é portador de um teor simbólico para o desenvolvimento dos costumes, portanto, ele se torna possuidor de um aspecto religioso e antropológico. O rito cadencia o dia a dia, estando presente no tempo, nas estações do ano, ou seja, cada lugar é marcado por um determinado ritmo, cada pessoa age de acordo com seu estilo de vida.

No terceiro momento, expomos a ideia de cultura baseado na escola antropológica americana com Franz Boas (2010); que focou as diferenças culturais em vez das funções sociais; Edward Burnett Tylor (1977), que investigou o modo como os humanos atribuem sentido ao mundo. E contemplamos também os aspectos culturais dos ritos; partimos do pressuposto que, ao estudar sobre o rito, temos a oportunidade de conhecer um pouco mais o ser humano dentro de uma cultura, além de perpassar os tempos, a geografia como também a própria cultura. “Estudar o rito é uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão dos seres humanos em suas culturas”. (VILHENA, 2005, p. 13).

No quarto momento, relatamos a ideia do aspecto social, baseado na escola antropológica britânica voltada para o social, com Malinowski (2008), que atribui o valor social dos ritos de passagem dentro da religião. Radcliffe-Brown (1978) focou seus estudos nas funções que cada elemento da religião tem para a comunidade, inclusive os ritos. Lévi-Strauss (1973) considera que a tarefa mais importante da Etnologia é analisar, dentro da dinâmica dos processos sociais, o simbólico, e um desses processos é o rito.

Apreciamos também os aspectos sociais dos ritos, pois os ritos de passagem marcam a transição que o ser humano faz de um estado para o outro em suas vidas, tais como, o nascimento, a infância, a juventude, a velhice, a morte. São mudanças que ocorrem na vida e os ritos desempenham também o papel social.

No quinto momento, descrevemos os aspectos religiosos do rito. Segundo Mircea Eliade (1992), a necessidade de se encontrar na vida fundamental para os seres humanos, os anseios da vida que vão se caracterizando sob o prisma de questões existenciais, como: Quem eu sou? De onde eu venho? Para onde eu vou? Tais questões dizem respeito à própria existência.

Diante dessas angústias, em face do tempo e da morte para o ser humano, o rito torna a possibilidade de o indivíduo envolver-se com os mistérios da vida, de se relacionar com Deus ou os deuses e o que está para além. Na medida em que o rito entra em contato com o sagrado, traz direção e sentido para a vida, apaziguando um futuro incerto, passando a ser um alicerce na jornada da vida. “O rito refere-se, pois, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si” (VILHENA, 2005, p. 21).

E, por fim, os aspectos universais do rito, no sentido de como nasceram, que consideramos indispensáveis para o estudo do rito como instrumento para a compreensão do ser humano. A proposta é entendermos, do ponto de vista sociocultural, o sentido do rito em sua formação, da mesma maneira entendendo o valor e significado dele para vida humana. “O ritual é o uso simbólico do movimento e da gestualidade do corpo, num contexto social, para expressar e articular os significados” (BOCOCK, 1974, *apud* TERRIN, 2004, p. 200).

Em todo o caso, mesmo com a complexidade que envolve o rito em sua essência, pelo fato do mesmo estar presente em vários campos do conhecimento e possuir inúmeras definições, procuramos nos aproximar ao máximo de uma definição significativa que seja essencial e fundamental.

2.1 O conceito e classificação do rito

Entendemos que, mesmo com a complexidade que envolve o rito em sua essência, pelo fato do mesmo estar presente em vários campos do conhecimento, e possuir inúmeras definições, procuramos nos aproximar, ao máximo, de uma definição significativa que seja essencial e fundamental para nossa pesquisa.

O rito, no que diz respeito ao seu sentido conceitual, torna-se bastante complexo na medida em que envolve diferentes aspectos. Por estar presente em vários campos do conhecimento, tende a ser conceituado e interpretado de acordo com cada dimensão. Portanto, logo há dificuldades quando tratamos de sentido, podendo ser concebido como uma realidade ‘poliédrica’, por ser um fenômeno complexo da realidade humana. Segundo Terrin:

Quando, hoje, falamos do rito e dos ritos no mundo das religiões ou mesmo em outros âmbitos, logo nos defrontamos com dificuldades semânticas e entramos num labirinto inextricável de compreensões diversas e, às vezes, totalmente diferentes entre si quanto ao que seja rito e aos elementos que o qualificam no nível teológico, fenomenológico, histórico-religioso, antropológico, linguístico, psicológico e sociológico, etológico e biológico (TERRIN, 2004, p. 17).

De fato, existem diversas definições para rito. Uma das mais completas diz que o rito, em sentido amplo, é um ato ou conjunto de comportamentos, individuais ou coletivos, que segue certas regras destinadas a serem repetidas, segundo um esquema previamente determinado. Etimologicamente, rito vem do latim *ritus*, que

indica ordem estabelecida. Segundo sua etimologia sânscrita (*rta*)², designa a ordem cósmica.

Na mitologia ancestral védica o rito se funda no mito. O mundo védico, por volta de 800 a.C. apresentava na produção dos textos vedas, a visão sacralizada do mundo. De acordo com o historiador das religiões, Mircea Eliade, existem duas formas de ver o mundo, uma que ele chama de sagrado e a outra de profano. Essa visão sacralizada do mundo era muito comum na antiguidade. Para Eliade, esse seria então uma característica do *Homo Religiosus* que busca viver o sagrado plenamente em sua vida.

Surge, então, a hierofania, quando algo de sagrado se revela, diferentemente de si mesmo, seja em objetos, mitos ou símbolos. A hierofania encontra-se em todas as religiões e o ser humano arcaico tinha a tendência a viver perto dos objetos sagrados, entendia o sagrado como poder, uma realidade por excelência: “esta percepção do divino é chamada de Hierofania, e quando ela ocorre num determinado lugar, este lugar passa a ser sagrado e o rito pode ser repetido. Desenvolve-se também uma narrativa desta história: um mito” (GNERRE, 2010, p 30).

A palavra rito do latim *ritus* é utilizada para designar o convencional ou formal. Nos atos formais ou convencionais da antiguidade em que eram praticados os ritos, seu objetivo era inculcar nas mentes dos que vivenciavam os ritos o sentimento de pertença àquele grupo. Nas culturas tribais o indivíduo encontrava o sentido da existência na pertença a um povo e sua identidade vem das crenças, dos costumes e dos rituais; especificamente, os ritos com gestos, cores, sinais, símbolos, palavras e sons, próprios da tribo. Os líderes criavam condições por meio dessas práticas para incutir nas pessoas o hábito cerimonial.

Compreendemos que o termo *rito* é empregado para denominar uma regra, ordem e método, ou seja, os ritos orientam, pois carregam em si os hábitos necessários que comprometem a vida. Portanto, as cerimônias ampliam o conhecimento que educa para a vida pessoal e coletiva.

² O sânscrito é uma língua de origem indo-europeia (escreve-se Samskrta) e seu nome designa “bem feito”, bem acabado, em oposição às línguas bárbaras (*prakrta*) faladas no período védico, que remete ao segundo milênio antes de Cristo. (Cf. GULMINI, 2002).

As orientações para a vida, seja ela em que esfera for, são inseridas por rituais carregados de grande valor, através de normas pré-estabelecidas pelo grupo, no sentido de manter viva a memória, a tradição, a cultura.

Assim, podemos dizer que, sem os procedimentos ritualísticos, as instituições não se mantêm, ou seja, os procedimentos ritualísticos, quando vivenciados, trazem harmonia, consistência, ritmo, unidade, ordem, continuidade. É nos rituais que estão os procedimentos para a execução e vivência dos ritos. São os ritos que harmonizam pela sensibilidade, concebendo unidade a toda a complexidade humana de uma estrutura por maior ou menor que seja; pelo rito, mito, crença ou figura divina. Na medida em que exprime a experiência do sagrado, o rito traz consigo o que é verdadeiro, significativo, importante. O sujeito que assume um comportamento de respeito em relação ao sagrado é chamado por Eliade (1992), homem arcaico. Nas culturas arcaicas, não se dissociava o sagrado do profano; tanto a projeção de mundo como as ações realizadas no cotidiano eram sacralizadas. É importante ressaltar que o rito está presente em toda forma de vida em tempos ontológicos de onde não se poder datar.

Entendemos que ao estudar os ritos temos a oportunidade de conhecer quais são os elementos que os formam, sustentam e articulam, enquanto estruturas básicas para suas realizações; ao mesmo tempo, a ação que se configura e incide na vida das pessoas, nos grupos e nas culturas. Partimos do pressuposto de que, através dos ritos, temos a oportunidade de compreender a nós mesmos. A este respeito, Vilhena faz importante apontamento:

Ele pode revelar profundas semelhanças entre grupos humanos capazes de perpassar temporalidades, localizações, formações culturais. Quando e onde quer que nos deparemos com um grupo humano organizado em sociedade, ali encontraremos práticas rituais (VILHENA, 2005, p. 13).

Salientamos, portanto, que ao falarmos em conceito de rito, presumivelmente podemos perceber com frequência a sua funcionalidade ao colocar em ordem o caótico, tendo como componente em suas realizações práticas, os gestos, as cores, os sinais, os símbolos, as palavras e os sons de forma padronizada. “O rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa,

num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível” (TERRIN, 2004, p. 19).

É importante notar que o rito passa a inserir nas pessoas o hábito cerimonial, um sentimento preconizado, de compromisso, ligados à conduta humana, seja pela orientação, ordem, sentido, método ou diretriz. Na medida em que são externados através dos eventos, os elementos que fazem parte do ritual se revestem de um teor simbólico. Dessa forma, o rito estabelece uma conexão entre os objetos utilizados, as figuras ali representadas, os gestos, as palavras pronunciadas e os participantes do ritual. Entendemos, então, que tudo que envolve a cerimônia, o ritual, traz consigo a possibilidade essencial dos participantes, como também dos ouvintes, ou seja, aqueles que estão vendo e aqueles que estão vivendo experiências significativas.

O rito, como toda a ação, é algo que necessariamente se realiza no tempo, enquanto que o símbolo³, propriamente dito, pode ser considerado atemporal. O ser humano é um ser simbólico e o símbolo tanto representa como faz lembrar outra coisa, seja uma pessoa, um sentimento ou um momento. O símbolo nasce da capacidade que o indivíduo tem de transcender, de ultrapassar os limites da razão, tornando-se, assim, um ser compulsivamente simbólico.

Tanto o símbolo como o rito tornam-se canais de comunicação para uma dimensão não humana, mais transcendental. Nesse traçar de limites e possibilidades inerentes ao estudo do rito somos conduzidos a demonstrar a importância do estudo do rito para a compreensão do ser humano.

Essencialmente, os ritos permitem uma transposição do real, na medida em que as regras estabelecidas para a ação do ritual são cumpridas pelos participantes, dando o devido valor àquele momento. Nos processos de legitimação de valores sociais e conteúdos simbólicos, os ritos ganham um significado especial. De fato, existem diversas definições para o rito; mesmo tendo vários segmentos da ciência abrangendo o conceito de rito, com olhares diferenciados, existem pontos em

³ A etimologia do termo “símbolo” provém do termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym-ballein*, que, em seu sentido primeiro, significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. (Cf. GIRARD, 2002).

comum que é o conceito de ordem que é muito importante, pois revela a força organizadora do rito.

Quando se usa o termo rito, projeta-se uma ação realizada em determinado tempo e espaço (como o batismo na tradição judaica, *Bar Mitzwah*, um rito específico que torna a criança em adulta de forma simbólica, a exemplo do cristianismo onde um dos ramos aceita o batismo que torna a criança num cristão).

O ritual projeta uma ideia geral, da qual o rito é uma instância específica. Seria algo abstrato com caracterizações, mediante o rito e a ação (o exemplo de imolar o animal, a forma como o rito é posto em prática, ou seja, imolar o animal seria o rito e a forma como esse animal é imolado seria o ritual).

A cerimônia projeta o que constitui o fundamento verdadeiro de qualquer rito no sentido social e secular (o exemplo da prática de celebrar o casamento nas culturas). O ritualizar projeta outro vocábulo que pode gerar equívoco. É o mecanismo pelo qual se criam os ritos, na medida em que o comportamento passa a agir de forma natural, repetitiva (o exemplo de alimentar-se sempre no mesmo horário). O ritualismo projeta uma entonação negativa ao processo, sem teor simbólico, meramente superficial, mecânico (o exemplo de frequentar a igreja sem ter compromisso espiritual, mas apenas o formalismo).

É pertinente observar a distinção entre rito, ritual, cerimônia, ritualizar, ritualização e ritualismo, pois o exame criterioso de certas práticas é fundamental para entendermos que não é qualquer ação uniformizada que respalda um rito. Os elementos que compõem um rito são importantes, devem-se observar os gestos, os símbolos, as linguagens, os comportamentos, por meio deles é que o ritual terá coerência e sentido.

Quanto à classificação dos ritos, entre tantas que existem, consideramos os pressupostos teóricos, desenvolvido por Terrin (2004). Na referida obra o rito constitui antropologia e fenomenologia da ritualidade. Na tentativa de resgatar uma classificação mais próxima dos ritos, não podíamos deixar de lado a sua contribuição. Terrin traz à memória aquilo que entendemos como aspecto fundamental na vida do ser humano, que é o rito.

De acordo com essa escola, Terrin classifica o rito a partir de vários critérios, como a operabilidade e a formalidade do rito, bem como, sua essência no nível histórico, fenomenológico e religioso. Aldo Natale Terrin nos chama a atenção para o fato de que o rito perpassa os tempos, continuando vivo, estabelecendo ordem e sentido.

Apesar de tratarmos nesse capítulo da importância do rito para humanidade, é necessário fazer alguns recortes. Citamos os tipos de ritos que Terrin destaca, mas apenas relatamos o que interessa a esta pesquisa. A classificação transcorra da seguinte forma: *Os ritos apotropaicos, eliminatórios, purificação, negativos, sacrificais, repetição do drama divino, passagem, cíclicos, crise, inversão, rebelião, gracejo, meditação e transe.*

O nosso interesse se fundamenta nos ritos ligados ao ciclo da vida, que estão profundamente ligados à vida sociocultural do ser humano em seus grupos. Os ritos não periódicos ou de passagem, abarcam etapas fundamentais na vida do indivíduo, incluindo todo itinerário vital do ser humano, como o nascimento, a iniciação, o casamento, a velhice até a morte. Seja nas sociedades tidas como tradicionais ou não tradicionais, por meio de certos rituais, o ser humano torna-se adulto adquirindo direitos e, ao mesmo tempo, deveres por responder pelos seus atos.

Os ritos de passagem servem como instrumentos para testificar as mudanças ocorridas no decorrer da vida, tornando cada indivíduo consciente do seu lugar, estabelecendo sentido interior, amenizando as incertezas de cada mudança. Os ritos de passagem oficializam os acontecimentos importantes na vida, por exemplo, o casamento, um cargo na empresa, uma festa de aniversário, a mudança de escola, de turma, enfim, legitimam cada evento. Trataremos mais profundamente sobre esse assunto, quando falarmos no terceiro capítulo do rito de iniciação do primeiro dia de aula.

Os ritos cíclicos também representam um papel importante na vida do ser humano. Passam pela contemplação de uma renovação regenerativa, um retorno ao tempo original, presente pelos fenômenos naturais, tornando-se clássico, na medida em que está presente em todas as religiões, a ponto de, por meio deles, ter sido possível criar o calendário. Terrin declara que:

A título de exemplo, basta recordar a grande festa hindu da lua cheia de março, chamada de *holi*, e o fato de os budistas *theravâda*, celebrarem ainda hoje o dia da confissão no novilúnio e no plenilúnio. Mas também no âmbito cristão não se pode negar que, por exemplo, as festas do Natal e da Páscoa estão ligadas a preciosos períodos sazonais e estão em estreita ligação com o ciclo temporal e sazonal (TERRIN, 2004, p. 45).

É importante destacarmos a conotação fenomenológica dos ritos religiosos que carrega consigo a intenção primeira, de cunho original em sua essência. Neste sentido, o rito aponta para um ato de adoração de forma intencional e direcionada. O rito coloca o ser humano em contato com o que ele crê, por meio da própria intencionalidade fenomenológica. A intencionalidade do participante será fundamental para se comunicar com o transcendente. Tratamos mais profundamente desse segmento quando falarmos do aspecto religioso do rito. mais adiante.

2.2 Finalidades do rito

Portanto, seja o rito religioso ou não, possui proposições cerimoniais que estão ligados às raízes humanas, em um tempo que não pode ser determinado, mas traz em si implicações ontológicas do ser, tendo em vista todo um sistema simbólico de que os ritos de um modo geral estão carregados.

O processo desenvolvido através do rito é revestido de um teor simbólico para o desenvolvimento dos costumes, logo, ele se torna possuidor de um aspecto religioso e antropológico. O rito é uma ação e se desenvolve, em primeira instância, pela expressão humana no tempo e no espaço através do corpo.

Como podemos perceber, o corpo tem uma importância muito significativa na prática do rito. O corpo é a via de acesso para que o homem exista no mundo. Por conseguinte, através das ações corporais, encontramos expressos anseios, necessidades, emoções, conflitos, necessidade de ser bem-querido, de pertencer a um grupo e construir uma identidade social.

Dessa forma, todas as ações dos ritos são desenvolvidas para um determinado objetivo, para uma finalidade. Nessa direção, há ritos que podem ser

conscientes ou inconscientes, de forma explícita ou implícita, ações essas que acontecem em algum lugar e em algum tempo. “Os ritos, portanto, para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões espaciais e temporais”. (VILHENA, 2005, p. 22).

O rito traz consigo a convergência harmoniosa do homem com ele mesmo, com os outros, com a natureza, com o cosmo e o sagrado; algo que é vivido e realizado em determinada religião ou cultura, considerando a indicação de uma ordem cósmica que vem da etimologia mais antiga do rito. Esse conceito de ordem é muito importante, pois revela a força organizadora do rito.

O rito cadencia o dia a dia, estando presente no tempo, nas estações do ano; cada lugar é marcado por um determinado ritmo, cada pessoa age de acordo com seu estilo de vida, portanto, seu ritmo. Assim, dentro do meio sociocultural ou religioso, se estabelece um campo simbólico que viabiliza acréscimo de valores e estabelece relações. Justamente associando a esta ideia, buscamos relacionar a finalidade do rito no espaço escolar, com uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula. Segundo Aldo Natale Terrin:

O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá o sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível (TERRIN, 2004, p. 19).

Todo esse processo desencadeado pelo rito traz uma concepção de que sem o rito não conheceríamos os outros e nem a nós mesmo. É importante perceber o rito numa diversidade extrema, tanto pelo viés dos sentidos, quanto das formas, suas finalidades, acepções, conteúdos. Chamamos, então, a atenção para sua enorme riqueza e diversidade.

Mais uma vez nos apropriamos dos ritos de passagem mostrar mais uma finalidade do rito. Os ritos de passagem estabelecem mecanismos que ajudam nas mudanças comuns da vida, seja de forma simbólica e, ao mesmo tempo, real. Mudança de lugar, idade, posição na sociedade, tais rituais vão trazer identidade e

amenizar os conflitos provenientes de mudanças que, porventura, existam. Aliás, a questão de identidade requer uma exploração mais contundente nos aspectos culturais e sociais, o que faremos mais adiante.

Um aspecto importante é que o ser humano dá sentido ou significado às coisas cotidianas. Os ritos desempenham um papel fundamental, na medida em que permite solenizar o corpo humano quando em vida e após a morte, apaziguando nos momentos tristes e exaltando nos momentos alegres. O rito proporciona respaldo para os conceitos sociais, adicionam as partes, e estabelece ânimo moral e espiritual. Para Terrin:

O rito nada mais faz que dar consistência aos ideais sociais, tem uma função agregativa e dá força moral e espiritual, em virtude dessa dinâmica intrínseca pela qual ele tem forte capacidade de agregação simbólica tomada empréstimo do mundo religioso, cujo estatuto, porém, é só aquele de ser espelho e caixa de ressonância do social (TERRIN, 2004, p.52).

2.3 Aspectos do rito

Quando falamos do aspecto do rito, referimo-nos não só ao aspecto que diz respeito ao universo das religiões, mas a outros aspectos. Conscientes de que o rito contempla vários aspectos, procuramos ressaltar, além do aspecto religioso, os culturais, sociais, religiosos e universais do rito.

2.3.1 Aspectos culturais

Antes de esmiuçarmos os aspectos culturais dos ritos, é importante compreendermos o conceito de cultura, pois dependemos dele para aplicar aos ritos. Através da cultura, podemos conhecer o ser humano dentro dos seus padrões de vida, de comportamento socialmente aprendido, uma vez que os ritos desempenham um papel fundamental, pois, por meio deles é que o indivíduo se identifica com o seu

grupo de convívio. Tanto as culturas primitivas como civilizadas, diferem uma da outra pelos padrões de comportamento social:

"Cultura" é a palavra que usamos para rotular aquele "algo que foi acrescentado" e que explica as grandes diferenças de comportamento entre o homem e os outros animais. A cultura significa com frequência, simplesmente a "herança social" de um determinado grupo de pessoas (PELTO, 1971, p. 84).

A apreciação das diversas formas de manifestações culturais, seja por meio das religiões ou nas formas de organização social, permite a valorização do rito como portador de significado. O fato é que, nas culturas, o rito é um componente inerente e inseparável do conjunto de vida social, participando na estrutura, trazendo a ordem e contribuindo, assim, na organização da vida, com seus significados, quando pensamos em padrões de comportamento socialmente aprendidos, baseados em processos simbólicos.

Não podemos falar dos aspectos culturais dos ritos sem que tenhamos uma visão de cultura antropológica. A intenção não é aprofundar a questão pelo viés dos antropólogos, apenas termos uma noção como alguns entendem uma cultura, como o pensamento de Boas e Tylor.

Boas (2010) foi o precursor da antropologia cultural e pode ser considerado o criador da pesquisa etnológica. Utilizou o método indutivo de ver, ouvir, falar, escrever, indo diretamente ao grupo pesquisado. Tinha em mente que cada cultura tinha sua autonomia, focava nas diferenças culturais em vez das funções sociais, o que importava eram os aspectos individuais e únicos de uma dada cultura. Segundo Boas, a cultura se manifesta pelos costumes, entendendo que a organização social era determinada mais pela cultura do que pelo meio ambiente. O ser humano deve compreender as relações existentes entre o comportamento de um grupo e a forma pela qual esse grupo estabelece os seus valores.

Tylor (1977), por sua vez, aprofundou como autodidata que era, questões científico-culturais. Via a cultura sem conceitos pré-determinados. Para Tylor, a cultura era a expressão da totalidade da vida social do homem. Entendia a cultura no

sentido de evolução: a cultura é universal e todos têm a capacidade mental para evoluir, varia de cultura para cultura, de pessoa para pessoa.

Ao conciliar tanto a evolução da cultura como sua universalidade, Tylor (1977) acreditava que a cultura dos povos primitivos representava a cultura original da humanidade. Usando o método comparativo, estabeleceu uma escala de estágios da evolução humana. Tylor via a cultura como um fenômeno natural, passível de ser analisada sistematicamente, tanto na sua origem como na difusão. De acordo com Pertti J. Peltto:

Tylor e os evolucionistas pretendiam, por sua vez, que povos primitivos como os australianos são exemplos do início rude da humanidade e que em toda parte o progresso se afasta da selvajaria, dirigindo-se para a civilização, embora certos povos (talvez devido ao isolamento e a outros fatores) não houvessem progredido com a mesma rapidez de outros (PELTO, 1971, p 33).

A ideia de cultura em qualquer escala, estágio, conceito, definição, ou a maneira como é vista ou entendida, independente como venha a ser compreendida; seja por autonomia ou evolução, ou qualquer outra forma, o que as ciências que estudam o ser humano não podem descartar ou ignorar é o fato de o rito ser intrínseco a todas as culturas. E, no campo da pesquisa, tanto o rito como a ritualidade passam a ser uma fonte singular para interpretar o ser humano e a cultura.

Iniciamos essa etapa falando de cultura e buscamos desassociar os ritos culturais dos ritos sociais, se possível. Não será tarefa fácil como também não o é, separar o conceito, classificação, definição, finalidade do rito. No entanto, continuamos a galgar esse desejo de socializar o que entendemos através dos ritos, como aquilo que inter-relaciona os fatos que fazem parte do homem, que fluem dele ou que nele se centralizam.

Com efeito, ao estudar o rito, temos a oportunidade de conhecer um pouco mais do ser humano dentro de uma cultura; além de perpassar os tempos, a geografia como também a própria cultura. O rito, que contempla as sociedades e grupos humanos desde os tempos mais arcaicos aos mais modernos, é uma unidade antropológica de sentidos e significados diversos de uma grande riqueza

humana, revelando uma humanidade possuidora de um imaginário que vai além do imaginário individual e cultural.

Desde o início dos tempos históricos, sabe-se que todas as culturas e civilizações criaram seus próprios ritos. Nas culturas ágrafas que não tinham um sistema de escrita, nas religiões primitivas encontramos os ritos de passagem, com aspectos sociais nas mais variadas culturas. Um exemplo contundente do que estamos falando é dos povos tribais, através de um processo alongado, que vai desde a concepção e só termina quando a criança é admitida na tribo. A mãe, que se torna impura pelo fato de ter dado à luz, passa por uma série de ritos de purificação para, então, ser inserida novamente no convívio com os demais.

Evidenciando, assim, um rito próprio da cultura marcando profundamente os laços de identificação e pertença, tudo vai sendo moldado por esses processos via ritos; seja o nascimento, a entrada na idade adulta, o casamento e a morte. Essas etapas, criadas nas diversas culturas sob a forma de ações nos rituais, regulam a conduta humana e torna viável a vida social. “Estudar o rito é uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão dos seres humanos em suas culturas” (VILHENA, 2005, p. 13).

O rito proporciona, de forma ordenada, mecanismo para que o ser humano ou a própria comunidade onde ele habita, possa, de acordo com as circunstâncias e as necessidades, encontrar-se, criar e recriar seus costumes, desejos, hábitos, valores. Desse modo, o rito é visto como reação de ajustamento e adaptação ao ambiente físico e social, dialética que nos permite perceber as ligações existentes entre cultura, sociedade e o rito, pelo estudo.

É importante ressaltar que estamos falando da importância do rito para a humanidade; logo, por existir uma grande variedade de ritos dentro de uma cultura, eles vão sendo evidenciados conforme sua finalidade. Retomamos alguns ritos da classificação já corroborada por Terrin (2004), quando tratamos da classificação dos ritos. Neste momento, abordamos a finalidade de alguns desses ritos, entre os vários tipos, cada qual com suas características. Dentre os mais marcantes, destacamos, mais uma vez, os ritos de passagem (nascimento, puberdade, casamento, morte), que têm a finalidade, tanto na esfera religiosa quanto social, de mostrar mudança. É nesse rito que o ser humano passa de um estágio para o outro, seja para integrá-lo

ou separá-lo em sua cultura, englobando também os cíclicos, pois, através dele, se organizam os calendários, ligados diretamente à natureza por meio das estações, plantio, colheita.

1) Os ritos de participação com o transcendente (consagração, oração, sacrifício, pessoas ou lugares), têm a finalidade de aproximar o humano do divino. Nesse rito, o ser humano, na condição de imanente, relaciona-se com o transcendente. Fica claro na repetição do drama divino na via sacra, numa atualização atemporal com o mito divino.

2) Os ritos imitativos (origem, criação, fundação) têm a finalidade de reatualizar os mitos. Nesse rito, repete-se um mito ou um aspecto de um mito, como na chegada do ano novo, quando se repete a história da criação.

3) Os ritos de propiciação (purificatório, expiatório, agrários) têm a finalidade de reparar os danos espirituais. Nesse rito, esperar-se receber perdão, reparar, resgatar, levando a pessoa a retratar-se pela sua culpa perante o transcendente.

4) Os ritos de fortalecimento (crise, doenças, falta, perda) têm a finalidade de dar ânimo. Nesse rito, tanto o individual é beneficiado, como o coletivo, em prol de caça, pesca, semeadura, colheita e outros objetivos.

5) Os ritos de alimentos (pão, vinho, mel, carne) têm a finalidade de sentido como símbolo. Nesse rito, o alimento ganha um sentido simbólico, uma representação material; dependendo da cultura, ele recebe conotação de positivo ou negativo, principalmente na dimensão religiosa onde o valor simbólico é mais aguçado; por exemplo, o pão e o vinho para as tradições cristãs com altíssimo teor simbólico.

6) Os ritos ambulantes (peregrinação, procissão) têm a finalidade de transportar elementos que envolvem a liturgia nos templos. Nesse rito, as manifestações diante do sagrado ganham as vias públicas, levando os fieis a se desprenderem dos templos, sinagogas, mesquitas e outras estruturas arquitetônicas, utilizadas para adorações, rezas, preces.

7) Os ritos apotropaicos (bênçãos, defumações, incensos) têm a finalidade de afastar as pessoas ou as representações do mal. Nesse rito, busca-se a proteção, eliminando aquilo que poderia trazer maldade, levando para bem longe de sua vida.

De modo geral, nesse universo inesgotável dos tipos de rito, grande é sua dimensão de significados e valores para a cultura, os quais, possivelmente retomaremos, dependendo da necessidade. O rito vai, assim, abrindo possibilidades reparadoras, com efeitos fundamentais, ajustando as ações humanas, fazendo moldar o social e o cultural. “O rito situa-se na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação” (VILHENA, 2005, p. 23).

A tradição faz com que haja a transmissão de geração em geração, mantendo muitos costumes vivos, trazendo consigo um conjunto de características culturais que identificam um grupo. A memória, por sua vez, resgata as imagens adquiridas ao longo do tempo que vivenciou ou presenciou. A conservação permite preservar, proteger, fazer durar, perpetuar. E, por fim, as transformações ocorridas ao longo do tempo pelo rito na vida do homem, faz com que ele mude o meio em que vive, assumindo, assim, novos aspectos.

O rito surge da necessidade da cultura de manter-se viva; com sua comunicação simbólica, ele denota um padrão de significados em relação à vida. É por meio dos rituais que os povos, dos mais arcaicos aos mais evoluídos, garantem a sobrevivência, desenvolvem, preservam a identidade e perpetuam-se. Cada povo, por via do rito, mantém o contato com a divindade que sustenta o universo, seja por temor diante do fator do tempo e da morte, seja pela necessidade de encontrar sentido para vida. Portanto, todos esses motivos tornam o rito dentro da cultura, um referencial que mantém vivos valores e costumes, na medida em que reflete na história e na vivência do ser humano, dentro da sua própria cultura.

Vilhena compreende o rito como:

[...] expressão e síntese do *ethos* cultural de um povo, portanto expressão de sua vida há de salientar que, como ação, é vida acontecendo, processando-se, sendo significada, interpretada, ordenada, criada. O rito é vida criando vida, pois que no caos, na indeterminação, na falta de horizontes e sentido não sobrevivemos. É, portanto, atividade, trabalho, obra que opera, transforma, cria, significa. (VILHENA, 2005, p. 55)

2.3.2 Aspectos sociais

Não podemos falar dos aspectos sociais dos ritos sem que tenhamos uma visão de social proporcionada pelos antropólogos, os quais, entre outros especialistas - como os sociólogos, psicólogos, zoólogos, geógrafos, historiadores -, estudam as culturas, o ser humano em sociedade.

É importante deixar claro que a intenção não é aprofundar a questão pelo viés dos antropólogos, apenas termos uma noção como alguns entendem uma sociedade. Partilhamos a ideia de três grandes antropólogos para entendermos um pouco sobre sociedade, que são eles, Bronislaw Kaspar Malinowski, Alfred Reginald Radcliffe-Brown e Claude Lévi-Strauss.

Malinowski (2008) cogitava uma relação funcional entre as instituições sociais e os impulsos e instintos dos indivíduos; até porque ele utilizou o método da observação participativa, rompendo com o evolucionismo que se destacava na etnologia. No seu enfoque funcionalista, Malinowski focalizou o ritual como exercendo uma função de integração social, contribuindo para a autoconservação da cultura e da sociedade, sobretudo, diante de conflitos e de questões incontroláveis. Para Malinowski, crenças e ritos, aparentemente irracionais, adquirem sentido quando são desvelados seus *usos*.

Pensemos agora no rito como regra e, para tanto, recorremos a Malinowski (2008), em sua experiência no arquipélago das Trobriands, habitado pela comunidade melanésia, está situado a nordeste da Nova Guiné e consiste em um grupo de ilhas de coral planas, em torno de uma ampla laguna. Ao descrever, em seu livro *“Crime e costume na sociedade selvagem”*, Malinowski enfocou a forma como é constituída a tribo que tem como base uma estrutura social com funções bem definidas, cada um com seu papel, ou seja, o chefe sobre o povo, o marido sobre a mulher, dos pais sobre os filhos. A este respeito, Bronislaw Kaspar Malinowski faz importantes apontamentos:

Até mesmo o chefe, cuja posição é hereditária e baseada em tradições mitológicas altamente veneráveis, cercado de uma admiração semirreligiosa realçada por um cerimonial principesco de distanciamento, humilhação e rigorosos tabus, dotado de um grande poder, riqueza e hábeis recursos, deve conformar-se a normas rígidas e sofre restrições legais (MALINOWSKI, 2008, p. 41).

Segundo Malinowski (2008), o próprio chefe da tribo com todo seu esplendor de líder é altamente cortejado pelo seu povo, quando se trata de eventos que envolvem a comunidade; por exemplo, ao declarar guerra, organizar expedições ou realizar uma festividade, o chefe tem que seguir regras definidas que nada mais são que ritos, socialmente necessários para o bom funcionamento da tribo.

Radcliffe-Brown (1978) enveredou sua teoria pelo funcionalismo estrutural em Émile Durkheim. Durkheim compreendia que um dos papéis fundamentais da religião está no fortalecimento da sociedade, preservando as estruturas grupais existentes. E, neste sentido, ele via o rito como instrumento privilegiado de controle social, um entrelaçado entre o sagrado e a sociedade, causando uma interação fundamental para que haja consciência social e, ao mesmo tempo, uma expressão do marcante do ritual.

Radcliffe-Brown (1978) realizou extenso trabalho de campo nas Ilhas Andaman, na Austrália e em outros lugares. Com base nesta pesquisa, contribuiu amplamente para as idéias antropológicas sobre o parentesco, entendendo que as unidades fundamentais da antropologia eram processos de vida e interação humana.

Já Lévi-Strauss (1973) defendia que um dos objetivos principais da antropologia era identificar as estruturas sociais e relações formais entre elas. Tinha em mente que a melhor maneira de analisar os fundamentos do pensamento humano é por meio do Mito. Além da mitologia, dedicou-se a outras áreas das religiões, como a prática de rituais e especialistas religiosos. Via em culturas distintas apenas variantes do referencial primeiro, que era uma estrutura primordial em sua forma de entender a sociedade. Lévi-Strauss buscou analisar as estruturas do pensamento humano, seguindo o mesmo princípio:

Contudo, Lévi-Strauss não se limita a análise de mitos numa única cultura. Em vez disso, seu objetivo é chegar até as estruturas básicas do pensamento humano como tal. Nesse sentido, ele parte do pressuposto de que o pensamento humano sempre e em todos os tempos trabalha conforme o mesmo princípio. (HOCK, 2010, p. 148).

Lévi-Strauss assegurou que tanto a estrutura social como as relações sociais são representadas como sendo construções teóricas, utilizadas para modelar a vida social. Existe, portanto, uma enorme variedade de culturas, desde aquelas tidas como sendo menos evoluídas até as tidas como complexas. O fato é que estamos cercados delas; no entanto, em se tratando das estruturas básicas do ser humano, em qualquer momento da história da raça humana, o princípio sempre é o mesmo.

Para Lévi-Strauss (1973), todos os seres humanos, sem exceção, têm o dever de contribuir para a benevolência entre os povos, com o intuito de cooperar para o crescimento do indivíduo, da família, da sociedade, além de contribuir e respeitar as diferenças em todos os aspectos que envolvem o ser humano. Mesmo com a heterogeneidade cultural, pensando nos mitos de povos ágrafos com o “pensamento selvagem”, observou-se que as estruturas do pensamento humano são as mesmas em todos os lugares e em qualquer tempo, seguem os mesmos princípios, independente da configuração. Segundo Lévi-Strauss:

A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única reivindicação que podemos fazer a este respeito, (exigência que cria para cada indivíduo deveres correspondentes) é que ela se realize de modo que cada forma seja uma contribuição para a maior generosidade das outras (STRAUSS, 1973, p. 366).

Como fizemos a referência em torno da ideia de cultura, o mesmo tratamento é dado no social, em qualquer escala, estágio, conceito, definição, ou a maneira como é vista ou entendida; independentemente de como venha a ser compreendida, seja por autonomia ou evolução, ou qualquer outra forma. O que as ciências que estudam o ser humano não podem descartar ou ignorar é o fato de o rito ser intrínseco a todas as sociedades. E no campo da pesquisa, tanto o rito que é acontecimento, como a ritualidade, que é a ação desse acontecimento, passa a ser uma fonte singular para interpretar o ser humano em sociedade.

No dizer de Nasser (2006), a linguagem como instrumento de comunicação para a humanidade viabilizou que houvesse ordem e crescimento na formação dos grupos sociais, das sociedades, no contexto da espacialidade e no contexto da temporalidade. Podemos dizer o mesmo do rito, que desempenha um papel fundamental dentro da sociedade como forma de trazer a ordem em meio ao caos, permitindo que o ser humano possa relacionar-se com ele mesmo, com o outro e com as divindades.

Passaremos, então, à exposição dos aspectos sociais do rito. A conduta humana é impregnada de ritos, pois as regras de uma sociedade são cheias de direitos e deveres; do que se deve ou não ser feito, para que seja aprovado pelos demais do grupo. O ser humano é gregário, um ser de relações e em seu interior possui a necessidade da aprovação para conviver em grupo sem ter que se sentir à margem da sociedade. “Quando e onde quer que nos deparemos com um grupo humano organizado em sociedade, ali encontraremos práticas rituais”. (VILHENA, 2005, p. 13).

Imbuídos de um desejo de explorar mais este manancial sobre o rito, foi que partimos para os aspectos sociais. Entendemos que, num sentido geral, os ritos remetem às práticas religiosas e socioculturais, e ambos, seguem padrões que são determinados pelos participantes. Na vida social, os ritos se intercalam por meios de costumes que são evidenciados no dia a dia, trazendo cadência, sistematizando as ações dos indivíduos. A noção de rito está, no geral, associada a procedimentos tradicionais ocorridos de geração à geração dentro dos grupos sociais. Sobre este aspecto do rito, Terrin lembra-nos que:

Um refrão em todos os antropólogos da escola funcionalista está no fato de que *os ritos são considerados indispensáveis para a vida social*, quer se entenda o rito como “integrador” do mundo social, quer como uma realidade “especular” do próprio social. Ora, um dos antropólogos que mais sublinhou a função prioritária do rito, não só em vista da compreensão das religiões, mas também porque viu a religião como um eixo para se compreender a própria sociedade, unindo assim os dois motivos supracitados num *unum*, foi seguramente Radcliffe-Brown (TERRIN, 2004, p. 67).

A ação do rito está atrelada a sua utilidade social; dessa forma, a sua efetivação é indispensável para recriar periodicamente o ser moral, ético. Os ritos

ocorrem em todas as sociedades humanas atuais e passadas, basta ressaltar as civilizações em suas respectivas épocas, por meio das tradições orais e escritas. Logo, deve estar profundamente direcionado para um determinado objetivo ou fim, partindo sempre de situações concretas apresentadas diariamente no cotidiano. No terceiro capítulo falamos do rito no espaço escolar através desse viés social.

Não podemos esquecer que, em determinadas sociedades, grupos, religiões, enfim, os ritos podem ser substituídos, transformados, renovados, reatualizados, fazendo surgir novos. Com a globalização, em todas as esferas, inclusive a religiosa, é possível haver mudanças, basta que haja a necessidade de mudança.

É possível também compreender o rito, como sendo aquilo que fazemos todos os dias, como o ato de acordar e escovar os dentes, tomar banho, alimentar-se, ir à escola ou ir ao trabalho. São atos repetitivos que fazemos sem nos perguntar o porquê, mas sempre repetimos todos os dias. Tanto os ritos, como os rituais são uma espécie de sinal do grupo. É certo que o indivíduo isolado da sociedade tem a sua formação comprometida, tendo em vista que o ser humano está sempre em construção e, para viver em grupo, deve harmonizar-se às exigências da sociedade na qual ele é integrado.

Desta forma, podemos entender o rito como fenômeno humano que estrutura todas as dimensões do indivíduo e da sociedade em que ele está inserido. É nesse espaço social em que o ser humano é construído. Durkheim (1989) explica as regras entre indivíduo e sociedade. O indivíduo vem antes da sociedade, mas é um ser social quando passa a viver em grupo de forma racional; desta forma, segue as regras estabelecidas pelo grupo. As regras são construídas pelo grupo e para o grupo. Para Terrin:

A verdade é que realizamos ritos a toda hora, estamos sempre a inventar ritualidades novas, embora nos recusemos a reconhecer que os ritos constituem uma parte dominante de nossa vida, tanto religiosa quanto não religiosa (TERRIN, 2004, p. 09).

Existe uma relação dialética entre indivíduo e sociedade no dizer de Berger e Luckmann (1985), com aspectos de exteriorização, interiorização e objetivação. A

objetivação são as normas e papéis do grupo, já a exteriorização é a abertura deste indivíduo para estas normas, interiorizando as ideias e conceitos estabelecidos pelo grupo.

O certo é que indivíduo e sociedade se completam e só podemos compreender os indivíduos relacionando-os aos seus meios sociais. Quando buscamos sentido dos ritos, temos indivíduos que vivenciam estes ritos. Para tanto, faz-se necessário compreender a sociedade onde os ritos estão sendo vivenciados. “O circuito que se estabelece entre rito e sociedade é tal que se o primeiro só tem sentido como fato social, a segunda encontra no rito a própria identidade e a consagração dos papéis nela presentes” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.210).

Podemos chamar ritos de sistemas, aparelhos, códigos, normas, princípios e regras para o funcionamento harmônico de uma sociedade. Os ritos expressam o pensar e viver de indivíduos que se adaptam ao grupo ou podemos dizer que esses indivíduos vão se construindo dentro do grupo.

A sociedade possui estrutura que está além das vontades dos indivíduos que nascem, morrem e, assim, sucessivamente continua o ciclo da vida. Pensando nos ritos, eles podem, com o passar do tempo, perder o sentido e podem ser ressignificados ou esquecidos. Portanto, entendemos que os ritos existem porque possuem sentido para a sociedade.

Os ritos unificam vidas, expressões e formas de ser de indivíduos. No campo antropológico o rito é uma série de práticas sociais, coletivas ou individuais. São os ritos que marcam a entrada do indivíduo em outro ambiente. Um exemplo bastante significativo é a escola. O rito de iniciação ocorrido no primeiro dia de aula serve como recurso sociocultural para inserir o indivíduo neste contexto. “A análise do *rito* enquanto uma ação que envolve uma coletividade ratifica seus valores comuns e as passagens de *status*, consagra eventos e realizações” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.210).

Dentro da sociedade, o ser humano desenvolve papéis que fazem parte do cotidiano de cada um. Porém, por meio dos ritos é que são sancionadas essas mudanças de *status*. Por fazer parte da tradição, carrega consigo autoridade, semelhante a um documento escrito, ou mesmo um testemunho, expressa inteireza, credibilidade perante a sociedade. É por meio dos ritos que se estuda o comportamento social, sobretudo, porque o rito faz parte integrante de toda vida

social. De fato, o rito se configura e sobrevém nas vidas dos indivíduos, nos grupos, nas culturas, nas sociedades em geral.

2.3.3 Aspectos religiosos

Segundo Filoramo e Prandi (1999), os fatos observados numa perspectiva antropológica cultural e social estabelecem conexão entre fatos sociais e estruturas sociais. A análise dos fatos religiosos, por exemplo, privilegia os ritos enquanto ação que envolve o coletivo, ratificando, assim, seus valores. Os ritos desempenham um papel fundamental também, pois, por meio deles, as religiões promovem, no indivíduo, a ideia de pertencimento a elas e ao, mesmo tempo, consagram os papéis que esses indivíduos devem desempenhar dentro das sociedades, como, por exemplo, amar o próximo, ser solidário, justo, ético, um ser moral.

Refletindo sobre o rito no sentido antropológico e funcionalista, entendemos que os antropólogos atribuem uma importância singular ao ritual que é o rito sendo posto em prática, por se tratar de um caminho para se compreender as religiões. É também por meio da religião que se encontra um elo para compreender a própria sociedade. A religião passa a ter um sentido profundo, pelo menos para a maioria dos antropólogos, dentro de uma sociedade e os ritos veiculam essa compreensão dentro da religião. A esse respeito, Terrin comunga com o pensamento de R. W. Smith:

A toda religião, tanto antiga quanto moderna, encontramos associadas crenças e algumas instituições, práticas rituais ou normas de comportamento. É um hábito moderno considerar a religião do ponto de vista da fé, mais do que do das práticas religiosas: isso porque, até tempos relativamente recentes, as formas de religião seriamente estudadas na Europa foram quase que unicamente aquelas das Igrejas cristãs, e toda a cristandade está de acordo em que o ritual só é importante se relacionado com a sua interpretação. Por isso, estudo da religião quer dizer, sobretudo das crenças cristãs [...]. Mas a maior parte das religiões antigas não tem um credo; elas são constituídas inteiramente por instituições e por práticas [...]. É de extrema importância – conclui R. Smith – dar-se conta, desde o início, de que o ritual e os usos rituais foram, em sentido estrito, o resultado de antigas religiões (SMITH, 1889, *apud* TERRIN, 2004, p. 68).

O homem tem uma necessidade de “se encontrar”; dentro desse anseio por respostas, as quais, hipoteticamente, vão trazer sentido para a vida; tudo vai sendo caracterizado justamente pela busca por respostas ligada às questões existenciais, tais como: Quem eu sou? De onde eu venho? Para onde eu vou? Tais questões dizem respeito à própria existência.

Essas angústias, principalmente em relação a questões que se referem ao tempo e à morte, vêm ao longo da existência dos seres humanos, causando inquietações profundas. Desde o aparecimento do ser humano na história, os indivíduos, entendendo que o próprio homem normalmente não responde esses questionamentos, buscam apegar-se às questões ligadas às religiões. Pois, no geral, as mesmas surgem como um dos pressupostos que trazem respostas a esses questionamentos. “O estudo das religiões pode ser importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. As religiões do mundo podem responder a perguntas que o homem vem fazendo desde tempos imemoriais”. (GAARDER, 1952, p. 13).

Segundo Mardones (2006), a religião ou a espiritualidade apontam sempre para um encontro ou relação que se realiza com o Transcendente. Cada tradição religiosa vê no rito a possibilidade dessa relação, de envolver-se com os mistérios da vida, o sentimento de se relacionar com Deus ou os deuses e o que está para além, essa busca pelo sagrado torna-se patente. Logo, o rito torna-se uma das vias de acesso ao Absoluto.

Portanto, tudo aquilo que se relaciona com o sagrado possui a primazia, dando sentido e direção aos seres humanos. Por meio do ritual, torna-se possível um contato com o transcendente, serve como reavivamento de um acontecimento sagrado original. O ritual é um conjunto de práticas que se concretizam no mundo do sagrado e é um caminho que traz crescimento humano.

Logo, cada sociedade busca relacionar-se com a divindade que sustenta a vida do universo. “Continuamente ‘tocado’ pela essência divina no decorrer da história, o ser humano concretiza sua relação com o *sagrado* na vida através de símbolos, ritos e expressões estéticas culturalmente pré-estruturadas” (USARSKI, 2006, p 35).

O rito permite essa conexão entre o ser humano e o sagrado e vem para dar movimento e sentido prático à ideia de Sagrado. No dizer de Eliade (1992), nas sociedades arcaicas existia a tendência de se viver perto dos objetos sagrados, a

ideia do sagrado associado ao poder, o sagrado como realidade por excelência, o necessário, o que realmente importa. Seja pelo rito, mito, crença ou figura divina, à medida que exprime a experiência do sagrado, traz consigo o que é verdadeiro, significativo, importante.

Esse homem que assume um comportamento de respeito em relação ao sagrado é chamado por Eliade (1992), homem arcaico. O rito torna-se para o homem arcaico, um recurso de mediação pelo qual esse homem pode interagir com o sagrado numa dimensão profunda, com um teor simbólico imensurável e arraigado de sentidos que vão além do imaginado.

Os ritos estão presentes em todas as religiões do mundo. Não existe religião sem rito. São os ritos que dão cadência às liturgias, e credibilidade às instituições, através dos festejos, das danças, do batismo, da iniciação, das orações, dos sacrifícios, consagração de pessoas ou lugares, passando à certeza de pertença daquela tradição religiosa, criando laços e identidade, fazendo com que o indivíduo sintam-se bem consigo, com o próximo e com o transcendente.

No rito, é possível reviver um acontecimento sagrado, torná-lo presente, vivenciá-lo: no animismo, quando o curandeiro expulsa do corpo os espíritos maus e cura doenças com plantas; no hinduísmo, às margens do rio Ganges, a cada dia, milhões de indianos hinduístas vêm banhar-se, fazendo orações para purificar-se; no judaísmo, cada semana, desde a tarde de sexta-feira até à tarde de sábado, celebra-se o *sabbath* em família; no budismo, quando se festeja a morte de Buda, homenageando os espíritos dos ancestrais; no cristianismo, quando é celebrada a ceia, repartindo o pão e o vinho, trazendo à memória o sacrifício de Jesus Cristo; no islamismo, quando rezam cinco vezes ao dia, em direção a Meca.

Pensando na modernidade, compreendemos que o rito carrega em si, a sacralidade, colocando em ação o sentimento de fé. No dizer de Vilhena (2005), a fé é inerente à modernidade, pois, sem ela, não há como funcionar o sistema moderno e, na sociedade moderna, podemos observar padrões de comportamentos intrinsecamente atrelados a sentidos religiosos, como a cerimônia de casamento.

Na mesma sociedade, manifestam-se várias formas de pensamento, todavia, o casamento é realizado e oficializado sem possuir implicações religiosas para muitos, mas, para os cônjuges, possui um grau de sacralidade singular e concede, portanto, sentido de valor imensurável à existência. Percebemos, assim, o sagrado e seu sentido de condução do espírito humano. O rito carrega a sacralidade

“O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si” (VILHENA, 2005, p. 21).

Greschat (2005) faz uma análise dos aspectos religiosos apresentados em níveis diferentes, focalizando o rito na eucaristia. Partindo de sua própria experiência, ele compartilha que os participantes gesticulam, falam, cantam, socializam as experiências, segundo seus pontos de vista, o que sentem ou apreciam, ao participarem de um rito. Pelo olhar das Ciências Exatas, analisam-se os elementos do ritual por meio da composição química do pão e do vinho, como também, em termos de estatísticas, para se chegar a resultados claros.

Pelo olhar das Ciências Humanas, seriam as implicações de um fenômeno, teológico (transubstanciação, ato de fé), psicanalítico (proteção, segurança), sociológico (desejo de pertencer a um grupo social, identidade). Dessa forma, Greschat (2005) chega à conclusão que a ideia de “refeição sagrada” está presente em outras religiões e que o rito se caracteriza como “ritos de união e de comunhão”.

O mais importante e que interessa diretamente ao nosso trabalho é o fato de podermos dialogar com autores de áreas afins. Para as Ciências das Religiões, independentemente do campo, trabalhar com “rito” significa atuar em e ligar-se com outras disciplinas acadêmicas. Neste sentido, os ritos estão presentes em todas as religiões do mundo, não existe religião sem rito.

2.3.4 Aspectos universais

Portanto, fazemos, conforme Terrin (2004), a relação entre macrocosmo e microcosmo. Ressaltamos a relação que existe entre os espaços que são administrados pelo ritual. O rito é percebido como interpretação de espaço duplo no mundo. O que ocorre é o alongamento dos espaços. Vejamos, por exemplo, a dança:

E a dança é, de fato, para a maior parte dos historiadores, a primeira forma ritual, o primeiro rito, o primeiro culto, o primeiro êxtase frente ao mundo, a primeira interpretação da realidade do mundo a partir do próprio corpo e dos

sentimentos mais originais, mais ligados ao corpo e a todo comportamento humano. Nela há um entrelaçamento entre o corpo e o ambiente, circundante, o movimento como inter-relação entre corpo e ambiente, como controle e medida de espaço e, ao mesmo tempo como harmonização do próprio corpo, segundo o modelo da harmonia do mundo (TERRIN, 2004, p. 206).

Compreendemos que o corpo sente pela atuação na dança, e da relação com o espaço físico, elementos interligados no primeiro ritual. Terrin (2004) ainda diz que a mesma ação orienta-se pelos espaços macro e micro. Desta forma, existindo a harmonia entre os dois espaços, o universo fica harmônico se o todo estiver em harmonia. Tanto o movimento, como a gestualidade, tornam-se simbólicos no corpo e, dentro do contexto social, expressam e articulam os significados.

Terrin (2004) também faz uso de uma tradição religiosa e explica que, através do sacrifício e do rito sacrificial, correlatado em textos védicos, a mito-poética, de Purusa-Prajãpati, um deus que se auto imola e que, com seu desmembramento, dá origem à dispersão dos espaços. E com a recomposição ritual de seus membros, permite uma nova configuração dos espaços. A respeito disso, Terrin (2004) faz os seguintes apontamentos:

A relação essencial entre macrocosmo e microcosmo, que indica, afinal, a relação entre espaços, é administrada verdadeiramente no nível de ritual. E a dupla ritualidade realiza a dupla funcionalidade que é própria do espaço enquanto tal: o espaço grande do universo e o espaço micro, mas não menos intenso, do ambiente do homem. (TERRIN, 2004, p. 202).

Percebemos que os espaços macrocósmico e microcósmico são, na realidade, dirigidos pela religiosidade. Entendemos que, assim como o deus Purusa-Prajãpati na mito-poética, se faz ou, podemos dizer, se desfaz e, através dessa ação ritual, tanto ela como os que compreendem o ritual e o observa, explicam os espaços do seu mundo; podemos também compreender e explicar nossos espaços físicos, tanto os maiores como menores, pela atuação do nosso corpo. Se nosso corpo não conceber a ideia da delimitação do espaço, de forma exata, vai ocorrer uma desarmonia no todo.

Ainda conforme Terrin (2004), os brâmanes ao interpretarem o hino, tendem a uma reconstituição de Prajâpati, um esforço para reportar todo *unum* através do ritual, de modo que o espaço total não acabe através do ritual. Tendo em vista que o próprio texto védico diz que o deus Prajâpati criou as criaturas e não tinha mais forças para se levantar, os deuses curaram suas articulações através do ritual de fogo, conhecido como *agnihotra*. “juntar espaços significa, do mesmo modo, recompor o tempo. Afinal, juntando o dia e a noite, que são articulações fundamentais, curam-se as feridas dos espaços. A tarefa dos deuses torna-se a tarefa dos brâmanes” (TERRIN, 2004.p 204).

Seguindo esse pensamento, entendemos que a consciência cósmica está intimamente ligada ao corpo, bem como a compreensão do que fazemos, com os nossos movimentos cotidianos, são resultados das movimentações de deuses. Aqui, o ser humano procura imitar os deuses e, assim, se considerar um pouco de divino. Podemos, assim, entender os ritos e sua extrema significância para o ser humano, por serem elementos estruturantes e, desta forma, fonte de sentido para os seres humanos. Como nos esclarece Gomes:

Estrutura de pensamento não significa intelectualismo, mas produção cultural. Sistema de significados introjetados nos indivíduos pelos processos de socialização [...]. Estrutura de pensamento, portanto, é essa lógica que define o modo de viver das pessoas em sociedade, mesmo que elas nem tenham consciência. (GOMES-DA-SILVA e GOMES, 2010, p. 107).

A sociedade é estruturada pela cultura que fornece significados, numa linguagem que está, muitas vezes, aquém da compreensão de pessoas inseridas em determinada cultura; as pessoas simplesmente vivem e, muitas vezes, sequer percebem o que estão vivenciando. O que ocorre é que as atitudes, os hábitos, a maneira de viver em grupo são introjetados por uma linguagem profunda, ligada ao imaginário cultural.

Aqui nos referimos à imaginação simbólica de Durand (1988), cuja linguagem simbólica perpassa a compreensão humana, está além da compreensão e possui sua áurea imaginária. O ser, em determinado ambiente sociocultural, pode nem

saber, mas, através de sua imaginação, pode apreender coisas ausentes explicadas pelo imaginário.

Durante um ritual, os indivíduos realizam tarefas com espaços individuais próprios, mas que resulta em uma ação coletiva. Um ou alguns falam, outros gesticulam. Alguns podem utilizar objetos e outros, não; uns dirigem o ritual e outros são submissos. São regras estabelecidas pelo grupo. Para tanto, cada indivíduo em um ritual coletivo sabe o seu papel e o espaço de atuação; o indivíduo reconhece também o papel do outro, de acordo com Terrin:

O rito é a realização desse projeto de tomada de contato com o mundo como tomada de consciência consigo mesmo, porquanto somente o rito é capaz de repetir ou de formalizar os esquemas de ação para, repetindo-os, captar a sua intrínseca eficácia e o seu ordenamento num jogo de espelhos no qual tudo aparece no seu devido lugar: do pensamento à ação, do corpo no espaço ao espaço como movimento ordenado e, portanto como realidade representada significativamente e vivida num feedback total (TERRIN, 2004, p 207-208).

Conforme os ritos e o resultado das ações rituais que o corpo vivencia esses momentos, faz-se perceber pelo corpo nos rituais e espaços empregados, como o nosso mundo é ordenado. No rito, o ser humano se vê e vê o outro como quem olha em um espelho e, assim, a realidade acontece, fazendo a vida fluir com significado. O rito estabelece a ordem de papel, tempo e espaço. “Toda ação acontece e em algum lugar e em algum tempo. Os ritos, portanto, para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões espaciais e temporais” (VILHENA, 2005, p.22).

Os ritos, resultados de produções culturais, possuem também um arcabouço de significação religiosa e mítica. Ressaltamos aqui, na questão ritual da criação, não como dança, mas como a tradição judaico-cristã percebe o seu espaço com relação a todos os aspectos de sua vida, pela descrição de tempos ‘primei-vos’ que está em espaço mítico em lugar e tempo que não podem ser medidos; então, conforme Terrin (2004), a ‘Criação como criação de espaços’.

O espaço é sagrado, então, através de sua própria ordem e organização, e a criação é sagrada porque é o primeiro ato de organização e de estruturação do universo num todo ordenado e harmônico, em que as partes convergem para o todo e o todo é reencontrado em cada uma das partes (TERRIN, 2004, p. 202).

A partir desta compreensão, os ritos têm a sua origem nos mitos de criação que orientam a existência das culturas e sociedades, de um modo geral. Independentemente da tradição, existe uma linguagem simbólica dos ritos presente nos mitos. Por essa compreensão, apresentamos o rito e a ação ritual com significados sagrados, o qual, no entrelaçamento com o sociocultural, pelas tradições religiosas, vem definir espaço, tempo e forma de viver em sociedade:

Há uma dinâmica interna ao rito que tende a criar ordem e situar, de maneira apropriada, o mundo através de uma estruturação do ambiente. O rito nesse sentido é o espelho em que o microcosmo lê o macrocosmo, e vice-versa. (TERRIN, 2004, p. 206).

Como a proposta da nossa dissertação foi discorrer sobre “A finalidade do rito no espaço escolar: uma abordagem simbólica do primeiro dia de aula”, achamos, por bem, nesse segundo capítulo, tratar da importância do rito para a humanidade. Levamos em consideração a definição que tem como princípio que o rito estabelece ordem; relatamos a classificação dos ritos, baseando-nos em Terrin (2004); trouxemos algumas finalidades a respeito do rito que achamos pertinente; e, por fim, expusemos alguns aspectos do rito como: cultural, social, religioso e universal.

No próximo capítulo, atinamos para o espaço da escola Luiz Vaz de Camões, onde nossa pesquisa foi realizada. O desafio foi o de desenvolver uma análise do rito no contexto escolar. Diante de tantos ritos presentes nesse espaço, buscamos fazer um recorte e trabalhar apenas um rito. O rito que nos chamou a atenção, por ser profundamente marcante e simbólico, foi o primeiro dia de aula, ou seja, o rito de iniciação. No terceiro e último capítulo, apresentamos uma análise detalhada desse rito no espaço escolar.

3 A IMPORTÂNCIA SIMBÓLICA DO RITO DE INICIAÇÃO NA ESCOLA

Neste capítulo aprofundamos o nosso objetivo em associar o rito ao espaço escolar. A ideia consistiu em analisar o comportamento dos alunos que passaram do 5º ano (fundamental I) para o 6º ano (fundamental II). Como se pode ver, esse modo de abordar os dois âmbitos, tanto a importância da escola, como a importância do rito, foi proposital.

Assim, propomos fazer uma análise do rito de iniciação, levando em consideração o primeiro dia de aula. Alguns questionamentos, que achamos ser incisivos, direcionaram a nossa linha de pensamento: Qual a finalidade desse rito? Que implicações poderiam ser encontradas nesse rito? Realmente é necessário que haja essa prática todos os anos, no início do ano letivo? Simbolicamente, causa algum efeito prático para os alunos?

Planeamos, então, um esboço para alcançar nossos objetivos neste capítulo. Para esclarecer de forma mais significativa à questão simbólica do rito de iniciação, conduzimos nossa linha de pensamento da seguinte forma, reputar o ser humano como ser simbólico, para, em seguida, analisar a respeito do rito de iniciação.

3.1 O ser humano como ser simbólico

A imaginação simbólica é construída individual e coletivamente; portanto, um sistema dinâmico, cujas imagens se organizam na psique por um direcionamento mítico dos grupos, das sociedades, da cultura que são criados pelos “devaneios humanos” (BACHELARD, 1990).

A imaginação simbólica, no dizer de Gilbert Durand (1988), funciona com estrutura no pensamento humano e, para simbolizar, o homem imagina. O imaginar é algo que faz parte da natureza do ser humano; para que isso seja posto em prática é preciso relacionar o uso do símbolo com o mundo. Na busca de sentido para sua essência, o ser humano faz, cria, inventa e reinventa coisas.

Logo, a imaginação é uma força da mente que se desenvolve em duas perspectivas diferentes. Uma, encontra seu impulso na representação da natureza ou dos acontecimentos vividos, daí ser denominada como imaginação formal, a que se atém ao estabelecido. A outra imaginação escava o fundo do ser, deixa ser tocada pela natureza ou pelos acontecimentos para encontrar uma forma que está encravada internamente, segundo Gomes (2011).

Uma imaginação, então, é a imagem da forma, que fornece a figuração lógico-matemática do mundo. A outra imaginação é a imagem da matéria que favorece a compreensão poética do mundo. Uma pertence à atividade conceitual, de reflexões racionais; a outra, é própria do devaneio da imaginação poética, como nos afirma Gomes (2011).

Portanto, a imaginação material não é evocativa, passiva diante do mundo, mas é essencialmente criadora, poetificante, inventora de novas imagens. Isso porque a imaginação resulta do embate entre o homem e o mundo, uma, no sentido de explicá-lo, outra, na direção de sentir as resistências da matéria e operar, criando outro mundo. Assim, é possível perceber que Bachelard não hierarquiza as imaginações, mas afirma que são complementares. Uma complementaridade não harmônica, mas conflituosa, e os ritos, em certa medida, exercitam estas faculdades no indivíduo.

Ainda conforme Durand (1988), é imprescindível a compreensão de que a razão é uma função da mente que analisa os fatos e compreende a relação existente entre eles. O ser humano usa a imaginação e entra no mundo simbólico transcendendo “quem compreende um símbolo não só se abre para um mundo objetivo, mas ao mesmo tempo consegue sair de sua situação particular e alcançar uma compreensão do universal” (DURAND, 1988). Entendemos que, no contexto escolar, no momento do ritual em seu primeiro dia de aula, com seus símbolos ali expostos, os alunos constroem significados e organizam a mente.

No dizer de Girard (1997), “Símbolo” provém do termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym-ballein*, que, em seu sentido primeiro, significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. Segundo Cassirer (1994), o homem é um animal simbólico. Neste sentido, é evidente que tanto os comportamentos, bem como, o pensamento simbólico são facilmente identificados como sendo característicos da vida humana e

que todo o processo de civilização da raça humana, de alguma forma, passa pelo símbolo como sendo categoria intrínseca do ser humano, como ser simbólico.

O uso de símbolos é uma das formas de expressar a capacidade que o ser humano tem de dar sentido às coisas, seja a linguagem, os mitos, a arte, a música a religião, enfim, é uma linguagem universal e tudo aquilo que está relacionada à produção humana vem por meio dos símbolos.

A escola como lugar privilegiado de formação e aperfeiçoamento do ser humano, deve adicionar a esse processo um fator preponderante, no sentido amplo do termo, que é a imaginação simbólica dos educandos. “É inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico estão entre os mais característicos da vida humana e que todo o progresso da cultura humana está baseado nessas condições” (CASSIRER, 1994, p. 141).

Compreendemos que não há *sapiens-sapiens*⁴ sem a elaboração do pensamento simbólico. Como nos afirma Gomes (2010), ao dizer que as experiências dos nossos ancestrais são promovidas pela sociedade que acrescenta a cada fase de sua existência a herança cultural da humanidade: “A interação entre o homem e a cultura acontece de forma indireta, uma vez que entre ele e o universo físico existe o aspecto simbólico” (GOMES, 2010, p.125).

As características do símbolo orientam-nos acerca de seu comportamento, o que, no dizer de Morin (1999), uma dessas características é a relação de identidade com o que simboliza. Outra característica do símbolo é que “o símbolo constela significados, por contiguidade, analogia, imbricação, envolvimento, de tal forma que um significado liga-se simbolicamente a outro”. (GOMES, 2011, p.21).

Podemos inferir que no rito de iniciação do primeiro dia de aula, coexistem diversas significações simbólicas que constelam, concedem significado e outorgam identidade aos discentes.

⁴ *Homo sapiens sapiens* – *significa*: o ser que sabe que sabe. Viveu na África, Ásia, Europa e migrou para a América. Os fósseis mais antigos encontrados até hoje têm cerca de 40 mil anos. Constitui a espécie de qual fazemos parte, com um volume cerebral em torno de 1350 a 1400 cm³. (Cf. CONTRIM 2002).

Para Gomes:

O símbolo guarda sempre duas metades, como no alemão Sinnbild ou no grego, symbolon e, nessa dupla acepção, apresenta-se aberto, polissêmico, pois tanto o significante pode ser antinômico, como em fogo (purificador ou infernal), quando o significado pode-se dispersar [...] não se trata, porém, de traduzi-lo em uma formulação abstrata, pois lhe é próprio o caráter epifânico, em que o inefável se manifesta. (GOMES, 2011, 21-22).

No rito do primeiro dia de aula, os educandos percebem os sentidos diversos na realização do ritual de iniciação, portanto, podem imaginar bons significados ou não. Ao saber desse potencial simbólico conferido ao primeiro dia de aula, os responsáveis pela acolhida devem tentar planejá-lo de forma que o educando seja recebido calorosamente, tornando esse momento uma experiência positiva: “Nos símbolos estão às representações do meio cultural, com seus diversos sentidos para serem descobertos” (SILVA, 2011, p26).

Em pleno século XXI, não se aceita mais estudar o ser humano como um objeto, mas o que deve ser considerado é o animal, o simbólico, presente no ser humano. As imagens simbolizadas pelo homem representam um determinado espaço social e cultural. Simbolizar é atribuir significado. Podemos inferir, assim, que “como a música que transpõe barreiras, o símbolo fala todas as línguas, sendo ele um discurso do que não é dito com palavras”. (SILVA e GOMES, 2011, p.39).

O ser humano faz uso do símbolo, da imaginação, faz e cria coisas na busca de sentido existencial. Portanto, é imprescindível que tenhamos a compreensão de que a mente analisa os fatos e, ao simbolizar, compreende a relação existente entre eles. “é com os símbolos e a recuperação da sensibilidade simbólica que a postura muda, de um indivíduo ou até de um grupo.” (SILVA e GOMES, 2010, p.215).

Dessa forma, achamos fundamental avaliar o ser humano como um ser simbólico, bem como, investigar as características do símbolo na relação com o ser humano. O passo seguinte consiste em analisar descritivamente o rito de iniciação e destacar o valor simbólico que o mesmo representa no contexto escolar. O ser humano dá sentido ao mundo por meio da imaginação e, nesse sentido, implica entrar no plano simbólico.

3.2 Análise e descrição do rito de iniciação

O desejo de explorar o tema “a finalidade do rito no contexto escolar”, trazendo uma abordagem simbólica do rito de iniciação, foi sendo construído ao longo dos anos, num contínuo contato com os estudantes, e ministrando aulas sobre o tema *rito*. Vimos, a cada ano, sua importância no dia a dia da escola. O rito é um dos temas que trabalhamos em sala de aula e percebemos como é importante para o ser humano. No rito, segundo Geertz:

Através de um conjunto de formas simbólicas, fundem-se dois mundos, o vivido e o imaginado, de modo tal, que se transformam no mundo único e, conseqüentemente, cria-se aquela mudança peculiar do próprio senso da realidade... (GEERTZ, 1987 p. 78).

Atuando como professor da disciplina Ensino Religioso, achamos ser interessante, até mesmo por ordem prática, buscarmos recolher na própria escola onde trabalhamos as ações dos alunos em seu contexto natural, a partir do local e suas circunstâncias; o tempo e suas variações; as ações e suas significações; os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais; e as atitudes e comportamentos diante da realidade.

Diante dessa alternativa, adotamos uma postura de observador, como também nos apropriamos do recurso metodológico bibliográfico. Procuramos ter o máximo de cuidado para fazer um apontamento apropriado, no sentido de garantir autenticamente o que analisamos no contexto escolar. Embora tenhamos encontrado vários ritos no contexto escolar, relacionamos o rito de iniciação no primeiro dia de aula para descrevê-lo de forma analítica.

A passagem dos alunos do Ensino Fundamental I para o II nos chamou a atenção pelo fato da mudança radical que os alunos sofrem quando mudam de um para vários professores. De acordo com Jones:

Tradicionalmente, o 6º ano (ou 5ª série) é um período de notas mais baixas, menos lições de casa entregues pelos estudantes e um número maior de

reprovados. Não é para menos: em vez da professora polivalente - que, além de ensinar, estabelece uma relação de afeto com a classe -, agora, a cada 45 minutos, entra na sala um diferente (são entre oito e 12 docentes por ano), cada um com uma forma e uma linguagem próprias de trabalhar os temas de sua disciplina. Sem falar na quantidade de tarefas de casa e livros que eles passam a utilizar. "Há uma modificação na natureza do vínculo entre o professor e os alunos e na relação desses com o tempo, que deixa de ser tão elástico e passa a ser mais marcado" (JONES, 2013).

Historicamente, a humanidade buscou alternativas para ajudar no processo de grandes mudanças, ocorridas nas fases da vida. Em todas as culturas, os ritos de iniciação (nascimento, infância, adolescência, adulto, casamento, velhice, morte) passam a representar o meio mais significativo para esse processo de transição, de uma etapa e outra da vida, amenizando, assim, tais mudanças que marcam o ser humano, por toda vida. "todas as sociedades acompanham, preparam e protegem o indivíduo nessas passagens, onde experimentam também a angústia que o novo, a interrupção ou o futuro desconhecido introduz" (MARDONES, 2006, p. 164).

Ao observar o espaço escolar, constatamos que esse espaço se caracteriza por conviverem juntos, em um mesmo ambiente; seres vivos que pertencem à mesma espécie que a humana. Entendemos que existem certas diferenças entre esses seres. Cada educando possui traços significativos dos seus costumes familiares, cultural, social e costumes, oriundos do convívio. Cada aluno traz consigo uma carga recebida e agora, na escola, passa a conviver com os colegas e dividir o mesmo espaço.

Quando o ano letivo se aproxima do seu início, os alunos normalmente se põem a imaginar como vai ser e o que acontecerá no primeiro dia de aula, se vai conhecer muita gente, se vai gostar dos professores, das disciplinas, do que vai ser ensinado. Uma grande expectativa de como será sua inclusão na escola, pois, é outro espaço social, momento em que muitas coisas estão para acontecer: conhecer outras pessoas, o despertar para ser social, ser aceito, afinal, qual será o resultado do encontro, do conhecimento e do envolvimento com o novo.

Em todos os níveis da escolaridade, o sentimento de ansiedade se faz presente; como numa peça teatral ou num show circense, o primeiro dia de aula leva o educando a imaginar o que está por trás das cortinas; ou melhor, como será este primeiro momento. Para os novatos, cria-se o desejo de conhecer as instalações da

escola, onde fica a direção, a sala dos professores, a biblioteca, a sala de informática, o refeitório, o ambiente do recreio ou intervalo. Para Jones:

Deve ser promovida uma transição tranquila do 5º para o 6º ano, cujo objetivo é proporcionar a adaptação dos alunos do 6º ano e garantir avanços na aprendizagem, na postura de estudante, nas relações interpessoais e no desenvolvimento interpessoal. Para os alunos Como objetivos específicos contribuir para uma transição suave em relação a tempos, espaços, professores, materiais, novos agrupamentos e avaliação. Para os professores possibilitar um maior conhecimento sobre o aluno e adequar as propostas de ensino às necessidades de aprendizagem da turma. Para os pais permitir a compreensão das mudanças que os filhos terão no plano físico, afetivo e social e firmar uma parceria com a escola. Para os funcionários conhecer as demandas dos estudantes e definir ações que favoreçam a ambientação dos mesmos. (JONES, 2013).

Segundo o estudioso, a escola deve se preparar de forma planejada; não é coisa apenas de dias de preparo, mas de um planejamento com antecedência para que os resultados sejam os melhores possíveis. Jones (2013) propõe nove meses de planejamento e ações, com o envolvimento de toda comunidade escolar e extraescolar.

Achamos bastante interessante e pertinente sua proposta, que abarca desde os conteúdos da gestão a todas as etapas do rito. Jones chama de transição e não coloca este rito apenas no primeiro dia de aula, mas todo esse processo objetiva melhores resultados para esse rito de passagem, numa ação mais duradoura que não acontece em um só momento. É um plano de ação bem interessante:

Conteúdos de Gestão Escolar - **Aprendizagem** Promoção de situações que favoreçam a adaptação ao segmento. - **Equipe** Articulação entre docentes, gestores e demais funcionários da escola. - **Comunidade** Estratégias para estabelecer uma parceria entre a escola e os pais. Tempo estimado. Nove meses: o segundo semestre do 5º ano e o primeiro trimestre do 6º ano. Desenvolvimento. **1ª etapa** Ajuste de expectativas. No segundo semestre, promova um encontro de professores do 5º e do 6º ano para trabalhar a temática da passagem e fazer ajustes de expectativas de aprendizagem. Os professores do 5º escrevem sobre como os alunos deixarão o segmento, e os do 6º ano, sobre como esperam receber os estudantes. Apresentados os resultados, os grupos e a equipe gestora discutem os ajustes. **2ª etapa Criação de comissões** Com base nas necessidades apontadas na primeira etapa organize três comissões de representantes de professores. A primeira terá ações de integração, como jogos e recreios conjuntos; a segunda analisará os currículos de 5º e 6º ano e pensará num diagnóstico a ser

aplicado no 6º ano, no início do calendário letivo; e uma terceira pensará em atividades para adequar a postura dos estudantes dos dois segmentos sobre aspectos como o uso de cadernos e o registro de lições de casa. **3ªetapa** Esclarecimento das dúvidas junto à segunda etapa prepare uma reunião com os pais dos alunos do 5º ano e as equipes dos dois segmentos para falar do processo de transição. **4ªetapa** Roda de conversa no fim do ano, promova rodas de conversa entre os alunos do 5º ano e a equipe gestora da segunda etapa do Ensino Fundamental para que eles tirem dúvidas, e proponha que visitem o espaço onde vão estudar monitorados pelos colegas do 6º ano. **5ªetapa** Troca de informações na semana de planejamento, organize um encontro entre professores do 5º e do 6º ano para que socializem informações sobre as turmas. **6ªetapa** Orientações aos pais. Dias antes do início das aulas, convide os pais dos alunos do 6º ano para uma reunião a fim de que conheçam os professores e recebam orientações sobre a nova rotina que os filhos terão. **7ªetapa** Recepção dos alunos. Nos primeiros dias de aula, toda a equipe deve ajudar na adaptação. Vale liberar a turma para o recreio (e na saída) minutos antes dos outros. Já os professores auxiliam a classe a se organizar quanto às lições previstas e aos materiais necessários. Avaliação Após um mês de aula reúna os docentes do 5º e 6º ano para analisar os dados do diagnóstico já feito e planejar ações e ajustes para os dois segmentos. (JONES, 2013).

As práticas educacionais são vivenciadas por meio de ritos que possibilitam experiências que fortalecem a ideia de pertencimento e identificação. Na escola Luiz Vaz de Camões, como já mencionamos antes, o rito de iniciação denominado de acolhida é promovido todos os anos no início do ano letivo.

Esse rito abre simbolicamente as portas para os alunos, pais e a comunidade em si. Entendemos que é um momento especial na vida dos estudantes, que migram do 5º para o 6º ano, e que, conseqüentemente, está entrando na adolescência. Acreditamos que para diminuir essas mudanças e torná-las menos dolorosas, o rito de iniciação e, bem como o teor simbólico que envolve esse rito, seja fundamental.

Na escola Luiz Vaz de Camões, o fundamental I funciona apenas no turno da manhã. Quando os alunos passam para o fundamental II, necessariamente, devem se matricular no turno da tarde, revalidando o rito de passagem que vivenciam. Assim, entendemos que o rito de iniciação seja bastante significativo para esses alunos.

Na realização do ritual, ou seja, na aplicação do rito de iniciação, toda ação é feita por meio de gestos, símbolos, linguagem, comportamento, o que, em certa medida, transmite segurança, carinho, acolhimento, sendo um momento revestido do simbólico, levando os alunos a um sentimento de pertença, de identidade no contexto escolar.

Conforme o antropólogo alemão Gennep (1977), muitos dos ritos possuem um encadeamento, que inclui 'separação', 'transição' e 'incorporação'. O rito de iniciação representa para os alunos da escola uma experiência de ruptura, quando vão para o 6º ano. Há, então, uma quebra da realidade diária de possuir apenas uma professora em sala de aula e passam a vivenciar com diversos mestres. Inaugura-se, dessa forma, uma nova etapa, uma transição para uma nova realidade e a incorporação em uma nova categoria, que seria o 6º ano. Portanto, o rito tem implicações que remetem tanto para o aspecto individual quanto para o coletivo.

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado (GENNEP, 1977, p 26).

Todas as tentativas de amenizar as mudanças que os alunos sofrem são válidas. A adaptação não é fácil, porém, tem algo que se torna fundamental para os alunos novatos, que é o primeiro dia de aula. A forma como a escola Luiz Vaz de Camões abraça os alunos normalmente faz uma diferença significativa para se adaptarem em sua nova realidade. Não por acaso, entendemos que o rito de iniciação seja uma ferramenta lúdica, metodológica, que fortalece a interação dos participantes no ambiente escolar.

No último semestre do quinto ano, a professora começa a prepará-los para uma nova realidade que se aproxima. Alguns professores de disciplinas do turno da tarde, onde funciona o fundamental II, são chamados para ter um momento com os alunos e falarem como funcionam os conteúdos, divididos por disciplinas e como eles podem fazer para acompanhar esse novo modelo de passar o conhecimento.

Os alunos devem entender que a partir dali, todos os conhecimentos transmitidos para eles deixam de ser centralizados em uma única professora e, conseqüentemente, passam a ser ministrados por professores específicos para cada uma das disciplinas. Esses professores contribuem para a adaptação dos alunos,

usando já uma metodologia diferente do que eles estão acostumados no dia a dia, com o intuito de se adaptarem à nova realidade.

É importante ressaltar que na escola Luiz Vez de Camões, as categorias de ensino (sejam Fundamental I, Fundamental II e EJA) funcionam em turnos diferentes, porém, quando eventos festivos, as comemorações são realizadas com todas as categorias juntas, o que ajuda aos alunos do quinto ano a ter contatos com os alunos das outras series, por exemplo. Sousa nos adverte que:

Parece pouco, mas não é. A escolarização e a consequente individualização do sujeito e sua acomodação ao lugar escolar a ele destinado têm consequências perenes na vida das pessoas. O rito de passagem para a educação sistemática escolar em nossa sociedade requer um cuidado e uma responsabilidade imensa dos agentes que a executam. Seus papéis, se não desempenhados de forma a proporcionar a inserção tranquila dos sujeitos da educação, podem bloquear seu desenvolvimento na ordem do discurso educacional, limitando também, assim, sua inserção no mundo da cidadania protagonista, que vai além da cidadania presumida de ter um documento de identidade. Na verdade, a entrada na escola é um importante momento na formatação da identidade psíquica da criança, que é o que vai balizar seus comportamentos pelo resto de sua vida. (SOUZA, 2013).

Esse momento da acolhida é singular, único, investido de um simbolismo marcante e profundo na vida dos participantes. Copiando Cassirer, “o homem não pode fugir à sua própria realização. Não pode senão adotar as condições de sua própria vida. Não estando mais num universo meramente físico, mas o homem vive em um universo simbólico” (1994. p.2).

A acolhida feita pelo corpo de funcionários da escola demonstra para os pais, e para os alunos que esse rito simboliza o reconhecimento social do indivíduo e a sua integração no grupo, onde ele encontra sua identidade e pertença àquele grupo, nessa nova fase da vida.

O ritual de iniciação acontece em varias etapas: primeiro, a direção, em conjunto com os funcionários envolvidos na organização desse rito, se reúnem para programar como será feito essa cerimônia, quanto tempo gastará, o que será oferecido nesse primeiro contato, planejando, assim, quem vai ter oportunidade de falar, de dar as boas vindas aos alunos e familiares. São confeccionados faixas,

cartazes, com frases de boas vindas, tudo preparado para que, simbolicamente, sejam bem acolhidos, fazendo-os sentirem-se em casa.

No segundo momento, feito a preparação e traçados os objetivos, o próximo passo é pôr em prática o momento da acolhida. Então, apresenta-se a escola, com suas instalações; os funcionários são apresentados aos familiares dos alunos, e aos colegas; apresenta-se cada ambiente do corpo físico da escola, qual a finalidade de cada ambiente. Apresentam-se os profissionais que trabalham na escola e suas respectivas funções. O regimento interno é lido diante de todos a todos, referindo aos direitos e deveres de cada integrante da escola.

É fundamental nesse momento, a apresentação da escola e o seu funcionamento para os neófitos, salientando que todos serão bem-vindos e tratados com respeito, mostrando que a escola está de portas abertas para contribuir no que for possível no crescimento de cada um. São muitos os fatores que envolvem essa transição do 5º para o 6º. Sem dúvida, uma separação que traz bastante mudanças para suas vidas e o rito de iniciação passa a ser uma ferramenta pedagógica adequada para essa mudança.

Como bem se vê, são muitas as alterações que esses alunos terão que administrar nesse novo ano letivo: a transição do convívio de apenas um professor para vários docentes, especialistas em suas áreas; experimentas metodologias distintas, em que o conhecimento passa a ser sistematizado de forma bem diferente do que eles estavam acostumados; livros e ou apostilas reunindo o material de todas as disciplinas, compartimentada e dividida por cada professor, em suas disciplinas.

A primeira coisa que experimentam é que a figura da professora polivalente sai de cena. Esse é um impacto relevante para esse nível. Aquela relação de afeto que os alunos tinham com a professora única, do dia a dia, mudou. Um novo cenário se apresenta, com uma nova configuração. Entra em vigor o fator tempo: a cada 45 minutos, os professores são trocados; e isso pode acontecer várias vezes no mesmo turno; isso pode chegar até a doze docentes por ano. Este é um novo momento em suas vidas.

Depois da ação do rito de iniciação, os efeitos são marcantes e fundamentais, mensagens essas, que são revestidas de uma riqueza profunda, considerando a imaginação simbólica dos educandos. Entendemos o rito como um sistema simbólico onde as experiências exigem significados entre aquilo que é vivenciado e o imaginado. O acolhimento passa a representar várias sensações na vida do

educando, como, por exemplo, o sentimento de conforto, abrigo, de aconchego, quando a mãe acolhe o filho para amamentar.

Essa passagem dos alunos traz desafios e merece uma atenção especial, pois, o professor de classe acompanha a mesma turma ao longo dos primeiros anos do Ensino Fundamental, estabelecendo uma ligação profunda e duradoura com seus alunos, são vínculos profundos e marcantes em suas vidas. No ritual, são apreendidas pelos neófitos as imagens, os símbolos, as palavras, gesticuladas e verbalizadas, desencadeando um sentido impar desse rito para uma identificação com a escola. Para Cassirer:

A humanidade não poderia começar com o pensamento abstrato ou com uma linguagem racional. Tinha de passar pela era da linguagem simbólica do mito e da poesia. As primeiras nações não pensavam por conceitos, mas por imagens poéticas; falavam por fabulas e escreviam em hieróglifos. (Cassirer, 1994: 251).

São vários os elementos que envolvem essa etapa. O primeiro contato dos novatos, o momento de fazer novas amizades, quem são os professores, o ambiente escolar, o momento de adaptação que se intensifica no imaginário de cada um, no emaranhado simbólico e profundo. O rito de iniciação ameniza e estabelece na mente dos participantes uma experiência simbólica essencial que irá ajudar os iniciantes nessa nova etapa de suas vidas. Dessa forma, à medida que cada um compreende e reage satisfatoriamente ao rito de iniciação, realizado no primeiro dia de aula, percebe-se que assimilou simbolicamente esse ritual.

Existe uma troca entre os que participam do ritual e os que assistem. Segundo Mauss, o valor de qualquer coisa jamais será superior ao valor que exista na relação. Para o estudioso, o que realmente importa é o simbolismo, o que se torna fundamental para a vida social. O vínculo e a aliança entre os seres humanos, seja no passado seja no presente, só há sentido a partir do valor simbólico que atribuímos às ações dos indivíduos. No entender de Martins (2013):

Diferentemente de Durkheim, que ficou prisioneiro de uma preocupação cientificista de objetivação da realidade social, Mauss compreendeu que a sociedade é primeiramente instituída por uma dimensão simbólica, e que existe uma estreita ligação entre o simbolismo e a obrigação de dar, receber e retribuir em todas as sociedades, independentemente de as mesmas serem modernas ou tradicionais. (p.55).

Para a equipe gestora do rito de iniciação, ficou a satisfação de contribuir nesse momento tão importante na vida deles. Para os alunos, fica a satisfação de ser recebido de forma significativa e simbólica no espaço escolar, em seu primeiro dia de aula; momento esse, que marca uma nova etapa, uma aliança fundamentada na troca de relações entre todos que fazem a escola.

Gostaríamos de deixar aqui uma ressalva a respeito do que vem a ser rito de iniciação, rito de passagem e acolhida. O rito de iniciação está relacionado ao começo e esses alunos estão começando uma nova etapa em suas vidas, estão entrando em outro ano, em outro turno, em outra turma, com outros professores, tudo é novo. Está ligado ao início de um evento, a uma abertura de uma cerimônia, no caso, o primeiro dia de aula que configura uma ação inicial na vida dos alunos, circunstância ou acontecimento. É muito comum nas sociedades esse tipo de rito, onde o novato é introduzido a uma nova fase da vida.

O rito de passagem marca momentos importantes na vida dos seres humanos, desde o nascimento, passando pela adolescência, casamento e morte. O ser humano passa para uma nova fase na vida, são condições impostas pela sociedade, pela cultura, pelo grupo, enfim, onde o indivíduo deve demonstrar sua intenção de mudar para outra etapa da vida. Certos momentos deve-se mostrar merecimento sobre a passagem reivindicada, a aquela em que ele tanto espera ou necessita.

A acolhida da qual estamos falando e o denominado Dia da Acolhida, que marca o início do ano letivo nas escolas do município de João Pessoa na Paraíba é um momento compartilhado por todos os participantes da comunidade escolar. Todos os alunos matriculados participam do Dia da Acolhida. Diretores, coordenadores e professores dão as boas vindas aos estudantes veteranos e novatos, mas, principalmente, aos pais, com o objetivo de aproximar a instituição da família e, dessa forma, fortalecer a integração.

A programação para este evento da escola Luiz Vaz de Camões durante esses dois anos, 2012 e 2013, contou com a apresentação de músicas da banda marcial, com a apresentação do grupo de dança da escola, apresentação do grupo de teatro, com distribuição de brindes, oficinas de boas vindas, dentre outras atividades.

Essa proposta pedagógica, desenvolvida pela Prefeitura de João Pessoa (PMJP), através da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (Sedec), é realizada duas vezes ao ano, no início de cada semestre letivo. É o momento em que a escola possibilita o reencontro das pessoas que formam a comunidade e demonstra que o lugar está aberto não apenas para os que estudam ou trabalham na área, mas para todos que compõem o bairro.

Como professor, tivemos a oportunidade de observar o comportamento desses alunos. Registramos aqui a fala e os gestos de alguns alunos que vivenciaram essa migração para o 6º ano e participaram do rito de iniciação ou acolhida, como é chamado nas escolas municipais de João Pessoa na Paraíba.

Segunda feira, 06 de fevereiro de 2012 e segunda feira, 04 de fevereiro de 2013, respectivamente, teve início o ano letivo nas escolas municipais de João Pessoa, onde tivemos a oportunidade de observar como os alunos absorviam este momento tão importante em suas vidas. Tomamos a postura de observador e nos dirigimos ao ginásio da escola Luiz Vaz de Camões, onde normalmente todos os eventos da escola acontecem; durante todo o ritual, ficamos atentos ao que acontecia e anotamos o que ia acontecendo. Transcrevemos, então, os depoimentos de alguns alunos.

De acordo com Marta Maria, 11 anos, do 6º ano C: “mudar para o 6º ano tem sido um pouco difícil, pois tenho que me acostumar com mais professores; sinto vontade de voltar para o 5º ano, as coisas eram tão mais fácil. Mas que pena que não podemos voltar o tempo para poder aproveitar aquele tempo, que já passou tão rápido! Mas tenho certeza que um dia vou me acostumar, para tudo há seu tempo.”

E Marta continua: “Está sendo difícil compreender cada assunto em 45 minutos; tenho tido dificuldade, o tempo é muito corrido, mas dá para compreender...um pouquinho, mas dá. Tento me esforçar um pouco mais em cada disciplina, vou me esforçar mais para dar o meu melhor, para conseguir meus objetivos. A acolhida foi importante por que tive noções de como seria até o fim do ano, e poder conhecer e rever pessoas que conhecia e ainda aquelas que iria conhecer a partir daquele dia.”

Para Sinval Gomes de Oliveira Sobrinho 11 anos, também do 6º ano C: “Foi muito difícil mudar do 5º para o 6º ano, estava acostumado com uma professora só. Sou muito tímido, ela me ajudava muito; agora são vários professores, cada um com seu jeito... às vezes penso que alguns não gostam de mim. Às vezes fico confuso com tantos assuntos e trabalhos para fazer; o tempo é muito curto, não dá para se acostumar com os professores... A acolhida ajudou muito, foi muito bom rever os amigos e fazer novas amizades, fiquei nervoso, ansioso, estou acostumado a estudar pela manhã e a tarde ficar em casa, assistindo televisão. Fiquei mais calmo com a forma como a escola me recebeu; gostei de tudo que foi feito, foi muito legal.”

Já para Alana Maria Messias dos Santos 11 anos, do 6º ano B, não foi diferente. Ela conta que foi uma experiência nova porque antes no 5º ano só tinha uma professora para ensinar todas as matérias, mas no 6º ano cada professor tem uma matéria, no começo do 6º ano. “Foi muito estranho, vendo os professores entrando e saindo da sala, mas acabei me acostumando, fiz muitas amizades. A acolhida foi muito importante, marcou a minha chegada à escola, porque era o meu primeiro dia e eu estava sem saber de nada, mas fui bem recebida por cada professor e isso foi muito legal, saber que eu posso contar com eles, foi bom.”

Segundo Vitória Soares Campos 11 anos, do 6º B, “foi um pouco confuso, porque no 5º ano, só tinha uma professora para ensinar todas as matérias, e no 6º ano, tem professor saindo e entrando da sala o tempo todo. Não foi muito fácil para eu decorar os nomes dos professores e suas matérias, mas depois eu fui me acostumando e decorei todos. A primeira dificuldade foi essa: decorar os nomes dos professores; a segunda dificuldade é que sou muita tímida e não falo muito na sala, foi difícil de fazer amigos, conhecer um pouco mais de cada um; e a terceira dificuldade é que tenho vergonha, eu não gosto muito de falar em voz alta para todo mundo meu nome e minha idade”.

Vitória ainda acrescenta: “A acolhida foi muito marcante em minha vida, por que eu fui ao primeiro dia com muita ansiedade, por causa da minha timidez”. Fui bem recebida, comecei a me adaptar, gostando dos professores, e os alunos conversaram comigo um pouco e os professores também. Eu fiquei mais nervosa por causa da disciplina de inglês; sei que vou ter que falar em português e inglês, eu não sabia muito, mas depois eu fui me desprendendo; percebi que tinha que respeitar mais as pessoas e os professores, ter mais educação, ser mais estudiosa.

O primeiro dia de aula foi muito importante para mim e eu acho que para os outros também. Uma das frases que estava no cartaz dizia que ‘sonhe com aquilo que você quiser; seja o que você quer ser; por que você possui apenas uma vida e nela só tem uma chance de fazer aquilo que se quer. Essa “frase de incentivo marcou muito o dia da acolhida, recebi para toda minha caminhada no 6º ano e para minha vida”.

É interessante a postura dos alunos que passam para o 6º ano, quando chega à escola. Com apenas uma olhada rápida para eles, logo identificamos uma variedade de ações, comportamentos e atitudes. Como nosso foco na dissertação eram esses alunos, concentramo-nos neles, observando os seus comportamentos e suas reações. Muitos ficam juntos dos pais como se estivessem pedindo proteção, com medo da nova realidade; outros são mais desprendidos, procuram conversar com outros alunos, com os professores; tem aqueles que ficam com os olhos arregalados, à espera do que vai acontecer nesse dia.

É então que podemos perceber o quanto é importante o rito de iniciação na vida dos alunos e dos seus familiares. Pelos relatos que registramos, entendemos que realmente não é fácil o aluno passar por essa fase: encarar vários professores, mudar de turno; alguns vêm de outra escola; ter os conteúdos divididos por disciplinas, tendo para cada uma delas um professor; conhecer novas amizades, e, associado a isso, uma gama de emoções a que ele está sujeito. Portanto, acolhermos bem os alunos, ajuda-os nesse primeiro momento na escola.

Consideramos em nosso estudo, além do rito, a importância da escola para o ser humano, como sendo um dos espaços que permitem ao ser humano desenvolver-se em vários aspectos de suas vidas. É preciso destacar que a família tem a função primária de preparar a criança para a vida social, coletiva, basta voltar nossos olhos para o passado (assim como, observar o presente), em todas as sociedades humanas.

Acreditamos que, simbolicamente, o rito de iniciação marca profundamente a vida dos alunos em seu primeiro dia de aula. Basta compartilhar a voz dos sujeitos que passam pelo rito, o que eles dizem e o que sentem. Entendemos, então, a finalidade do rito no espaço escolar, uma vez que para os alunos é muito importante no primeiro dia de aula ser bem recebido, acolhido por todo o corpo administrativo, docentes, diretoria, funcionários de uma forma geral.

Figura 1, Escola Luiz Vaz de Camões



Figura 2, Palavra da Direção



Figura 3, Acolhida dos Professores



Figura 4 Acolhida dos Professores

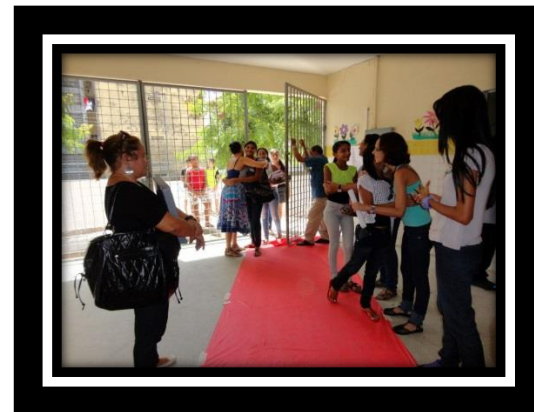


Figura 5, Pais e Alunos



Figura 6, Pais e Alunos



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nossa pesquisa consistiu em analisar o valor simbólico do rito de iniciação, presente no contexto da escola Luiz Vaz de Camões, no município de João Pessoa na Paraíba. Especificamente, focalizamos o primeiro dia de aula dos alunos que mudam do fundamental I para o fundamental II.

Essencialmente, destacamos a importância da escola para o ser humano, compreendendo o ambiente escolar como espaço de troca de conhecimento e, conseqüentemente, de aprendizado. Com o mesmo olhar investigativo, ressaltamos a importância dos ritos para o ser humano, levando em consideração as marcas significativas deixadas pelos ritos, tanto no aspecto individual como no coletivo; e, por fim, demos um destaque significativo à importância simbólica do rito de iniciação na escola.

A finalidade do rito no espaço escolar ficou clara quando percebemos que são várias as mudanças que ocorrem quando se transfere de uma série para outra na escola. São mudanças que envolvem o lado emocional, a imaginação, as ações, surgindo, assim, uma série de sentimentos que se apresentam e demandam respostas para amenizar cada mudança.

Foi possível verificar a importância do rito de iniciação no primeiro dia de aula na vida dos alunos. Era uma nova realidade que se apresentava, sendo mister um tratamento especial para essa nova etapa. Observamos que essa mudança se constituía como a mais significativa do ponto de vista da mudança brusca ocorrida em sala de aula.

Entendemos que o rito de iniciação no contexto escolar demonstra a sua importância. Partindo do pressuposto de que toda ação ritual é revestida pelo simbólico, de que o pensamento simbólico é sempre de rememoração, na qual o ser humano busca dar sentido para sua existência. Delineamos, assim, o objetivo desta Dissertação, que consistiu em descrever sobre o rito de iniciação do primeiro dia de aula e suas implicações simbólicas no contexto escolar.

Esclarecemos que, diante da observação participante, poderíamos adotar uma postura intermitente: ora só observarmos e ora atuávamos, sugerindo, conversando, questionando. Ou seja, poderíamos transitar de uma postura para

outra. Poderíamos, também, observar, participando explicitamente da organização do processo educativo. Optamos, então, por apenas observar, adotando uma postura passiva, abstendo-nos de qualquer contato com os sujeitos da pesquisa.

Pela análise efetuada a partir do registro das falas dos alunos, chegamos à conclusão que o rito de iniciação tem uma importância bastante significativa na vida dos alunos. Pensando em sua finalidade, são vários os fatores que mostram como esse rito, simbolicamente, traz aspectos positivos para os alunos, sejam eles tímidos ou extrovertidos, alegres ou tristes, calmos ou inquietos, todos se sentem satisfeitos quando são bem recebidos.

Entendemos que toda mudança traz sensações boas e ruins, o fato de mudar já causa ansiedade, curiosidade, imaginação, entre outras impressões. O que dizer, então, para os pré e adolescentes que estão inseridos nas escolas? Com certeza, não é fácil! É por isso que deve ter uma ação conjunta, uma parceria da escola com a família.

E o rito de iniciação ou acolhida é uma estratégia fantástica porque permite aos alunos uma transição menos dolorida. À medida em que estão sendo recebidos, os alunos podem ter a oportunidade de ver e sentir que eles não estão sós nessa mudança, e que mudar faz parte da vida. Os alunos, então, começam a perceber que mudar é inevitável; logo, esse contato com a nova realidade deve ser assimilado da melhor forma possível, por isso é importante o rito de iniciação, pois ele tem essa finalidade de fazer com que os alunos entendam que mudar é preciso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem Azevedo. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENVENISTE, E. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**. Paris: De Minuit, 1969.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Plano Nacional de Educação. Brasília: Inep, 2001.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Plano Estadual de Educação – Paraíba, 2001.
- CAMÕES, Escola Luiz Vaz de. **Projeto político pedagógico**. João Pessoa, 2012.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CONSTITUIÇÃO: **República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história**. 5ª série. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DUBORGEL, B. **Imaginário e pedagogia**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

-----, **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

-----, **As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução a arquetipologia geral**. SP: Martins Fontes, 2001.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Presença Ltda. 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRARI, M. **Pedagogia: Michel Foucault**. Disponível em: <http://www.educarparacrescer.abril.com.br/> Acessado em: 10/09/2013.

FILORAMO, G. e PRANDI, C. **As ciências das religiões**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

FLEURY, L. **Cinco dicas para ajudar seu filho na entrada do 6º ano**. Disponível em: <http://www.educarparacrescer.abril.com.br/> Acessado em: 28/08/2013.

GAARDER, Jostein. HELLEM, Victor. NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das letras, 1952.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 1977.

GEERTZ, C. Antropologia interpretativa. Bolonha, in Mulino, 1987.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 1997.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando imaginação molda o social**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2009.

GOMES, Eunice Simões Lins (Orgs.). **Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário**. João Pessoa: Universitária 2011. p. 83-105.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. e GOMES, Eunice Simões Lins. **Malhação: corpo juvenil e imaginário pós-moderno**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2010.

GULMINI, Lilian. **O yoga sutras de pantajali**. Tradução e análise da obra a luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2002.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. **Religiões orientais: uma introdução**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2010.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

-----, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Nº 9394/96. Congresso Nacional, 1988.

JONES, F. **Ações de integração para ajudar os alunos na transição do 5º para o 6º ano.** Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br/> Acessado em: 13/06/2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e costume na sociedade selvagem.** Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião.** São Paulo: Paulinas, 2006.

MARTINS, Paulo Henrique. **A sociologia de Marcel Mauss⁵⁶: Dádiva, simbolismo e associação.** Disponível em: <http://www.Dialnet.com.br/> Acessado em: 20/06/2013.

MORIN, Edgar. **O método 3: a consciência da consciência.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

MOURA, Marinaide Ramos. O simbólico em Cassirer. **Ideação**, Feira de Santana, nº 5, p. 75-85, jan/jun, 2000.

NASSER, Maria Celina Cabrera. **O uso de símbolos em sala de aula: sugestões para sala de aula.** São Paulo: Paulinas, 2006.

PELTO, Pertti J. **Iniciação ao estudo da antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil.** São Paulo: Ática, 2000.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RADICLIFF-BROWN, Alfred Reginald. **Antropologia.** São Paulo: Ática, 1978.

REGO, T.C. Vygotsky. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 2004.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia estrutural dois.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1973.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Os (dez) caminhos da escola: traumatismos educacionais.** São Paulo: Cortez, 1948.

SILVA, Iêda de Oliveira Caminha. **A árvore na torá, uma análise simbólica e mítica.** Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB, João Pessoa, 2011.

SILVA, Iêda de Oliveira Caminha. GOMES, Eunice Simões Lins. Simbologia da árvore uma análise das imagens míticas. **Revista religiosidades populares diálogos e interpretações populares.** In revista, p. 205-208. Universidade Católica – PE, 2011.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **O primeiro dia de aula.** Disponível em: <http://www.sergiofreire.com.br/cronicas/primeirodia.htm> Acessado em: 23/06/2013.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito:** antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil.** São Paulo: Nacional, 1976.

TYLOR, Edward Brunett. **Cultura primitiva.** (Los Origenes De La Cultura) Madrid: Ayuso, 1977.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião:** cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos:** expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário.** São Paulo: Cortez, 2006.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Recife: Rêspel, 2010.